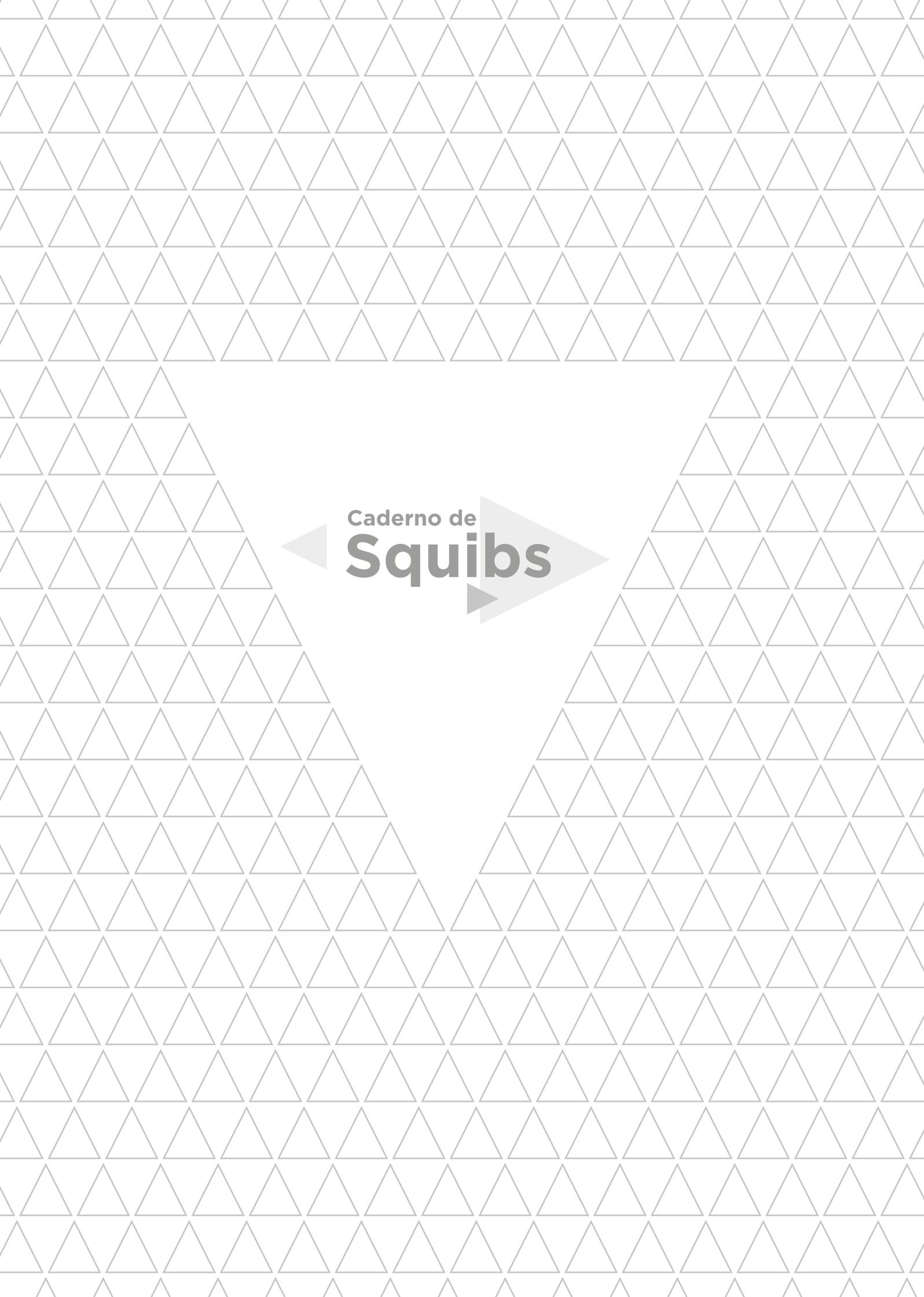




Caderno de
Squibs

TEMAS EM ESTUDOS FORMAIS DA
LINGUAGEM

V. 5 - N. 2 - 2019



Caderno de
Squibs

ORGANIZADORES

Helena da Silva Guerra Vicente

Universidade de Brasília

Paulo Medeiros Junior

Universidade de Brasília

Marcus Vinicius da Silva Lunguinho

Universidade de Brasília

Elisabete Luciana Morais Ferreira

Universidade de Brasília

Arion de Souza Cruz

Universidade de Brasília

Paula Guedes Baron

Universidade de Brasília

CONSELHO EDITORIAL

Heloisa Maria Moreira Lima de Almeida Salles

Universidade de Brasília

Rozana Reigota Naves

Universidade de Brasília

Helena da Silva Guerra Vicente

Universidade de Brasília

Eloisa Nascimento Silva Pilati

Universidade de Brasília

Marcus Vinicius da Silva Lunguinho

Universidade de Brasília

Paulo Medeiros Junior

Universidade de Brasília

Paula Guedes Baron

Universidade de Brasília

Elisabete Luciana Morais Ferreira

Universidade de Brasília

Bruna Elisa da Costa Moreira

Universidade de Brasília (egressa)

Cristiany Fernandes da Silva

Universidade de Brasília (egressa)

APOIO

Laboratório de Estudos Formais da Gramática – LEFOG
Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL



Universidade de Brasília

CONSELHO CIENTÍFICO

Aroldo Leal de Andrade

Universidade Federal de Minas Gerais

Marina Rosa Ana Augusto

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Indaiá de Santana Bassani

Universidade Federal de São Paulo

Simone Lúcia Guesser

Universidade Federal de Roraima

Ana Paula Quadros Gomes

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Suzi de Oliveira Lima

University of Toronto

Telma Moreira Vianna Magalhães

Universidade Federal de Alagoas

José Ferrari Neto

Universidade Federal da Paraíba

Roberta Pires de Oliveira

Universidade Federal de Santa Catarina

Gabriel de Avila Othero

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Sandra Quarezemin

Universidade Federal de Santa Catarina

Núbia Saraiva Ferreira Rech

Universidade Federal de Santa Catarina

Marcelo Amorim Sibaldo

Universidade Federal de Pernambuco

Claudia Roberta Tavares Silva

Universidade Federal de Pernambuco

André Luis Antonelli

Universidade Estadual de Maringá

Fábio Bonfim Duarte

Universidade Federal de Minas Gerais

Andrew Nevins

Universidade Federal do Rio de Janeiro

University College London

Andrea Knöpfler

Marcus Vinicius da Silva Lunghino

Universidade de Brasília

Alessandro Boechat de Medeiros

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Bruna Elisa da Costa Moreira

Jairo Morais Nunes

Universidade de São Paulo

Déborah de Mendonça Oliveira

Universidade Católica de Brasília

Lilian Coelho Pires

Univ. do Estado de Santa Catarina

Poliana Camargo Rabelo

Ana Paula Scher

Universidade de São Paulo

Maria Cristina Figueiredo Silva

Universidade Federal do Paraná

Keli Cristiane Eugênio Souto

Universidade Estadual de Montes Claros

Zenaide Dias Teixeira

Universidade Estadual de Goiás

Thiago Costa Chacon

Universidade de Brasília

Aveliny Montovan Lima

Universidade de Brasília

Ezekiel J. Panitz

Universidade de São Paulo

Leonor Simioni

Universidade Federal do Pampa

Patricia de Araujo Rodrigues

Universidade Federal do Paraná

Helena da Silva Guerra Vicente

Universidade de Brasília

Rerisson Cavalcante de Araújo

Universidade Federal da Bahia

Eloisa Nascimento Silva Pilati

Universidade de Brasília

Carlos Felipe da Conceição Pinto

Universidade Federal da Bahia

Lara Frutos González

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Rozana Reigota Naves

Universidade de Brasília

Teresa Cristina Wachowicz

Universidade Federal do Paraná

Virgínia Andrea Garrido Meirelles

Universidade de Brasília

Esmeralda Vailati Negrão

Universidade de São Paulo

Heloisa Maria M. Lima de Almeida Salles

Universidade de Brasília

Maria José Gnatta Dalcuche Foltran

Universidade Federal do Paraná

Roberlei Alves Bertucci

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Marcos Barbosa Carreira

Universidade Estadual de Ponta Grossa

Eneida de Goes Leal

Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

Ruth Elisabeth Vasconcellos Lopes

Universidade Estadual de Campinas

Luisandro Mendes de Souza

Universidade Federal do Paraná

Paulo Medeiros Junior

Universidade de Brasília

LEITURA E PREPARAÇÃO DOS MANUSCRITOS

Helena da Silva Guerra Vicente

Elisabete Luciana Morais Ferreira

Arion de Souza Cruz

Paula Guedes Baron

CONSULTORA DE LÍNGUA ESPANHOLA

Cecilia Fonseca da Silva

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Rodrigo Araújo

Linguística. UnB. Caderno de *Squibs*: temas em estudos formais da linguagem. Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Laboratório de Estudos Formais da Gramática (LEFOG).
Vol.5, N.2 (dez. 2019). Brasília, DF: Universidade de Brasília.
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas.
Semestral. 2015.

ISSN: 2447-1372 (VERSÃO ON-LINE)

CDD 410

CDU 81



SUMÁRIO

8 NOTA INICIAL

10 APRESENTAÇÃO

SQUIB CONVIDADO

14 INDEFINITE NULL OBJECTS IN SPANISH AND BRAZILIAN PORTUGUESE

Sonia Cyrino

SQUIBS

28 VALÊNCIA VERBAL E TEMPO VERBAL NO ESPANHOL COLOMBIANO: UMA ANÁLISE CARTOGRÁFICA DA SUBIDA DO VERBO

Francisco de Paula Forero Pataquiva

39 O PROCESSO DE CAUSATIVIZAÇÃO MORFOLÓGICA NA LÍNGUA TENETEHÁRA: ANÁLISES PRELIMINARES

Ana Claudia Menezes Araujo

53 LECTURAS IMPLICATIVAS DE VERBOS MODALES EN FUTURO

Cecilia Bértola

62 DA IMPORTÂNCIA DAS HIERARQUIAS CARTOGRÁFICAS COMO FERRAMENTAL METODOLÓGICO: O CASO DE *EM X TEMPO*

João Francisco Bergamini-Perez

ARTIGOS

73 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A SINTAXE DAS INTERROGATIVAS INDIRETAS ENCOBERTAS DO PORTUGUÊS DO BRASIL

Paulo Medeiros Junior



NOTA INICIAL

NOTA INICIAL

OTA

ICIAL



SOBRE O TERMO *SQUIB* EM LINGUÍSTICA POR MARCUS LUNGUINHO

O termo *squib*, tal qual se conhece em Linguística, é uma criação atribuída ao linguista John Robert Ross e se refere a um gênero textual que ficou popular a partir dos anos 1960 com a revista *Linguistic Inquiry*, que teve Ross como um dos primeiros responsáveis pela seção destinada justamente à publicação desse tipo de textos, denominada *Squibs and Discussion*.¹

Como um gênero textual, o *squib* apresenta características específicas tanto de forma quanto de conteúdo. No que se refere à forma, um *squib* é um texto curto, cuja extensão é medida em termos de páginas ou de número de palavras a depender do periódico. Por exemplo, na revista *Linguistic Inquiry*, o manuscrito de um *squib* não pode ultrapassar doze páginas escritas em espaço duplo.² Já na revista brasileira D.E.L.T.A. (Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada), o manuscrito de um *squib* deve ter extensão máxima de 6000 palavras.³

No que se refere ao conteúdo, um *squib* é um texto que aborda questões pontuais, tanto de natureza teórica quanto empírica. Do ponto de vista teórico, um *squib* pode trazer uma reflexão crítica sobre aspectos internos de uma teoria, tais como inconsistências internas, pressupostos que não estão apresentados de maneira explícita ou que precisam ser incorporados de modo a que essa teoria possa fazer as previsões corretas e/ou desejáveis. Já do ponto de vista empírico, um *squib* pode apresentar um conjunto de dados que servem para confirmar as previsões de uma teoria ou que se configuram como problemas para essa teoria. Os problemas apontados no *squib* podem ou não ser resolvidos. Além dessas questões teóricas e empíricas, um *squib* também pode servir para trazer à luz para a comunidade científica uma literatura pouco conhecida ou esquecida, em que questões importantes ou dados relevantes são discutidos. Em resumo, a função de um *squib* é fomentar a pesquisa ou apresentar observações teóricas que são de interesse para a pesquisa.⁴

1 Segundo o que se apresenta em: <https://www.ucl.ac.uk/pals/research/linguistics/li-squibs>. Nessa página, o leitor pode ainda ter acesso a um depoimento do próprio Ross acerca da etimologia da palavra *squib*.

2 De acordo com as orientações que se encontram em: <http://www.mitpressjournals.org/page/sub/ling>.

3 Conforme se lê nas orientações constantes em: <http://www.scielo.br/revistas/delta/iinstruc.htm>.

4 As informações deste parágrafo são, em grande parte, baseadas em: <http://www.ledonline.it/snippets/>.



APRESENTAÇÃO

APRESENTAÇÃO

A
Ç
Ã
O



É com muito orgulho que apresentamos à comunidade acadêmica mais um número do **Caderno de Squibs: Temas em estudos formais da linguagem**, publicação coordenada pelo Laboratório de Estudos Formais da Gramática (LEFOG-UnB), cujo objetivo é congrega docentes e discentes na tarefa de divulgar conhecimento científico na área da Linguística de vertente formal. Apesar de estar sendo lançado em agosto de 2020, trata-se de um número retroativo ao segundo semestre de 2019. Assim, para fins de citação, é essa última informação que deve prevalecer. O presente número compõe-se de seis textos: um deles na seção *Squib Convidado*, quatro na seção *Squibs*, e um na seção *Artigos*.

O *squib* convidado, **Indefinite null objects in Spanish and Brazilian Portuguese**, de Sonia Cyrino, debruça-se sobre uma assimetria entre os objetos nulos do espanhol peninsular e do português brasileiro. Ambas as línguas permitem construções com objeto nulo quando o antecedente é um DP indefinido, mas o português brasileiro permite, adicionalmente, construções com objeto nulo com antecedentes definidos (desde que seus referentes sejam inanimados). Como no PB objetos nulos definidos têm sido tratados como decorrentes de elipse de DP, e esse tipo de análise não é capaz de fazer previsões corretas para objeto nulo indefinido dessa língua, Cyrino propõe uma análise unificadora para o objeto nulo indefinido das duas línguas com base no raciocínio de que o seu licenciamento se dá no âmbito do DP. De acordo com essa proposta, esse licenciamento envolve elipse de NP na presença de um D nulo que, por sua vez, é licenciado por um operador que codifica ausência de definitude.

Em **Valência verbal e tempo verbal no espanhol colombiano: uma análise cartográfica da subida do verbo**, Francisco de Paula Forero Pataquiva, com base na hierarquia universal do IP (CINQUE, 1999), lança mão de testes com advérbios (POLLOCK, 1989) para identificar os locais de pouso de verbos transitivos e intransitivos (inacusativos e inergativos) do espanhol colombiano. Para completar esse diagnóstico, o autor propõe, também, que seja considerada a relação entre o tempo verbal e o movimento do verbo.

Em **O processo de causativização morfológica na língua tenetehára: análises preliminares**, Ana Claudia Menezes Araujo pressupõe a proposta de Pylkkänen (2008) de que há variação paramétrica na realização do fenômeno da causativização. No caso do tenetehára-guajajara, o estudo preliminar de Araujo indica que o fenômeno ocorre por vias morfológicas, por meio da afixação dos morfemas {*mu-*}, um prefixo que aumenta a valência de verbos intransitivos (inacusativos e inergativos), transformando-os em transitivos, e {-*(u)kar*}, que altera a valência de verbos transitivos, transformando-os em ditransitivos.

O *squib* de Cecilia Bértola, **Lecturas implicativas de verbos modales em futuro**, enfoca dois tipos específicos de construção de futuro com modais do espanhol uruguaio: o futuro perifrástico, do tipo [ir+a +MODAL-Inf] (*voy a tener que*) e o futuro simples, do tipo [MODAL-rá] (*tendré que*), os quais, de acordo com a autora, suscitam uma leitura implicativa. Tal constatação corroboraria a análise de Matthewson (2012) de que a ausência de aspecto prospectivo em bases modais circunstanciais leva a leituras de implicação de realização.

Em **Da importância das hierarquias cartográficas como ferramental metodológico: o caso de *em x tempo***, João Francisco Bergamini-Perez, fundamentando-se na metodologia do Programa Cartográfico de Rizzi (1997 e trabalhos subsequentes) e Cinque (1999 e trabalhos subsequentes), constata haver uma relação entre as diferentes interpretações para construções modificadas pelo adjunto de medida *em x tempo* e a flexibilidade de posicionamento desse adjunto na estrutura sintagmática.

Também à luz da proposta cartográfica de Rizzi (1997 e trabalhos subsequentes), Paulo Medeiros Junior, no artigo **Algumas considerações sobre a sintaxe das interrogativas indiretas encobertas do português do Brasil**, propõe uma análise unificadora para as construções interrogativas canônicas e para o tipo de oração encaixada a que se refere no título do trabalho, que, pelo menos aparentemente, não apresentaria a estrutura de uma interrogativa canônica. A literatura sobre o assunto costuma analisar as interrogativas indiretas encobertas como sendo constituídas por um DP/NP seguido de uma frase relativa. O autor, no entanto, propõe que esse DP/NP é um sintagma interrogativo introduzido por um operador-wh nulo que ocupa a posição de Spec, Q_{emb} (*emb*, do inglês, *embedded*, 'encaixado').

Antes de desejar uma ótima leitura a todos, gostaríamos de deixar registrado que a "força-tarefa" para salvar o nosso **Caderno** teve início uma semana antes de decretado o isolamento social devido à pandemia da Covid-19, e que a experiência de levar adiante esse projeto em meio a essa crise sanitária gigantesca tem se mostrado, sim, um desafio, mas um desafio que traz uma enorme satisfação ao nosso grupo. Além disso, não teríamos sido bem-sucedidos nessa empreitada sem o apoio dos colegas linguistas, que nos têm apoiado fortemente, seja enviando trabalhos de altíssimo nível, seja emitindo pareceres criteriosos aos manuscritos que chegam às nossas mãos. Gostaríamos ainda de agradecer a todos os envolvidos na publicação deste número: autores, pareceristas, Conselho Editorial e colaboradores do Serviço de Gerenciamento de Informação Digital (GID) da Biblioteca Central (BCE) da Universidade de Brasília. Gostaríamos de registrar também um agradecimento especial à Sonia Cyrino, autora do *squib* convidado.

Desejamos a todos uma ótima leitura!
Helena Guerra Vicente



SQUIB
CONVIDADO



SQUIB
CONVIDADO
UIB
ADDO



INDEFINITE NULL OBJECTS IN SPANISH AND BRAZILIAN PORTUGUESE

SONIA CYRINO*

ABSTRACT

It is well known that (Peninsular) Spanish allows null objects when the antecedent is an indefinite DP, a bare plural. In addition to indefinite null objects, which can have animate or inanimate antecedents, Brazilian Portuguese (BP) allows definite null objects, but only with inanimate antecedents. According to the literature, inanimate definite null objects are related to the availability of VP ellipsis licensed by the verb that has moved up to an aspectual projection in BP, an inexistent construction in Spanish. Definite null objects in BP are cases of DP ellipsis, licensed in the same way. Animate definite null objects, being higher in the structure, are inaccessible for this licensing. The problem, then, is how to explain the lack of animacy restrictions in BP indefinite null objects. I propose that indefinite null objects are cases of NP ellipsis licensed by a null D. I assume an analysis for bare plurals as actually being DPs containing a null D licensed by an operator (DE) that encodes absence of definiteness. I propose that the licenser for indefinite null objects in both Spanish and BP is this null D present in bare plurals.

Keywords: indefinite null objects, Brazilian Portuguese, Spanish, ellipsis licensing

RESUMO

É bem conhecido o fato de que o espanhol (peninsular) permite objetos nulos quando o antecedente é um DP indefinido, um plural nu. Além de objetos nulos indefinidos, que podem ter antecedentes animados ou inanimados, o português brasileiro (PB) permite objetos nulos definidos, mas somente com antecedentes inanimados. De acordo com a literatura, objetos nulos inanimados estão relacionados à elipse de VP licenciados pelo verbo que se moveu para uma projeção aspectual no PB, uma construção inexistente no espanhol. Objetos nulos definidos no PB são casos de elipse de DP, licenciadas da mesma forma. O problema, então, é como explicar a falta de restrições de animacidade para objetos nulos indefinidos no PB. Eu proponho que objetos nulos indefinidos são casos de elipse de NP licenciados por um D nulo. Assumo uma análise para plurais nus como sendo DPs que contêm um D nulo licenciado por um operador (DE) que codifica ausência de definitude. Eu proponho que o licenciador de objetos nulos indefinidos tanto no espanhol como no PB é esse D nulo presente em plurais nus.

Palavras-chave: objetos nulos indefinidos, português brasileiro, espanhol, licenciamento de elipse

* Universidade Estadual de Campinas (University of Campinas), Unicamp. Associate Professor, Department of Linguistics, e-mail: cyrino@unicamp.br. This research has been funded by CNPq (National Council for Scientific and Technological Development) Grant 304574/2017-1. Part of this paper was presented at the ALFALito Conference, September 2019; I thank the audience for comments and suggestions. The remaining errors are my responsibility.

1 INTRODUCTION

It is well known that (Peninsular) Spanish allows null objects (CAMPOS, 1986; SANCHEZ, 1999; among others) when the antecedent is a Bare Plural (BPI). Besides question-answer pairs, coordinated sentences (1) also allow such gaps:

- (1) Ando buscando *candidatos*, pero no encuentro \emptyset .
 walk looking-for candidates but not find
 'I'm looking for applicants, but I don't find (them).'

(LACA, 2013, p. 110)

In addition to indefinite null objects, which can be animate or inanimate (2), Brazilian Portuguese (BP) allows definite null objects, but only when their antecedents are inanimates (3a, b):

- (2) Ando procurando *candidatos/poltronas*, mas não encontro \emptyset .
 walk looking-for candidates/armchairs but not find
 'I'm looking for applicants/armchairs, but I don't find (them).'
- (3) a. A Maria comprou *o(s) vestido(s)* depois de experimentar \emptyset .
 the Maria bought the(PL) dress(PL) after of try
 'Maria bought the dress(es) after trying trying (it/them) on.'
- b. *A Maria insultou *o(s) rapaz(es)* depois de beijar \emptyset .
 the Maria insulted the(PL) boy(PL) after of kiss

In this squib I propose a unified analysis that will explain why null objects in Spanish can occur when their antecedents are indefinites (bare plurals), and why Brazilian Portuguese indefinite null objects have no animacy restrictions. I will first briefly describe and present the analysis for BP null objects as proposed by Cyrino (1997, 2016a, 2019), and compare it to Spanish. After that I will present the puzzle posed by indefinite null objects in these languages. In order to explain the puzzle, I will assume Laca's (2013) analysis for topicalized bare plurals in Spanish, which will result in my proposal that indefinite null objects are instances of nominal ellipsis.

2 BRAZILIAN PORTUGUESE NULL OBJECTS

As it is well-known, BP allows definite null objects; however, these must have an inanimate antecedent (DUARTE, 1986; CYRINO, 1994, 1997, 2016a, 2019; among others). This is clear in the contrast seen in (4):

- (4) a. A Lia comprou *o(s) vestido(s)* depois de experimentar \emptyset .
 the Lia bought the.PL dress.PL after of try
 'Lia bought the dress(es) after trying (it/them) on.'
- b. *A Lia chutou *o(s) rapaz(es)* depois de beijar \emptyset .
 the Lia kicked the.PL boy.PL after of kiss

Cyrino (1994, 1997, 2016a, 2019) proposed inanimate definite null objects are related to the availability of VP ellipsis (5) in the language. As it is argued in Cyrino & Matos (2005), VP ellipsis is licensed by the verb that has moved up to an aspectual projection in BP (CYRINO; MATOS, 2005). Therefore, in a sentence as (5a), with the relevant structure shown in (5b), the elided sequence *o livro para as crianças* ('the book to the children') is a copy of its antecedent where the verb *lido* ('read') has vacated the VP and moved to an inner aspectual projection, *InnAsp*:^{1,2}

- (5) a. A Maria tem lido *o livro para as crianças* e o Pedro tem também lido \emptyset
 the Maria has read the book to the children and the Pedro has too read

- b. o Pedro [_T tem] [_{VPaux} <tem> [_{AdvP} [_{Adv} também] [_{VP} [_{InnAspP} [_{InnAsp+V} lido [_{VP} <V> *o livro para as crianças*]]]]]]]]
} ellipsis licensing

As for inanimate definite null objects, Cyrino proposes they are DP ellipsis in BP, allowed because these elided DPs can be licensed by the verb that has moved to this low, aspectual position (CYRINO, 1997, 2016a, 2019), shown in the structure in (6b):

- (6) a. Pedro consertava *as bicicletas* e Rosa vendia \emptyset para amigos
 Pedro repaired the bicycles and Rosa sold to friends
 'Pedro repaired the bicycles and Rosa sold (them) to friends.'

- b. [_{VP} [_{InnAsp} [_{InnAsp+V} vendia [_{VP} <V> [_{DP} *as bicicletas*] para amigos]]]]]]]]
} ellipsis licensing

The question is how to explain the impossibility for null animate definite objects in BP. Cyrino (2016a) follows the literature on Differential Object Marking (ORMAZABAL; ROMERO, 2007; LÓPEZ, 2012; IRIMIA; CYRINO, 2017; ORDOÑEZ; ROCA, 2018; among others), and assumes that animacy is the result of a syntactic process which raises definite objects which possess a Person feature out of VP. In other words, inanimate, being non-person DPs, stay *in situ*, whereas animate objects move out. The movement of animate DPs is driven by a functional category (F[person]) below vP and above InnAsp.³ In this way, animate definite null objects in BP cannot be licensed by the verb in InnAsp, because the animate DP has moved to a higher, inaccessible position for that licensing. In other words, the animate DP moves to a position above the licensing site. Observe the structure in (7b).

1 The copies of the moved elements are represented with angle brackets < >.

2 For the discussion about the relevant aspectual projection in BP, see Cyrino (2016a, 2019).

3 In Cyrino's (2016a, 2019) proposal, 1st and 2nd person have the feature [+person], whereas animate 3rd person are [-person] and inanimate 3rd person have no value for the feature; they are non-person.

- (7) a. Pedro levou o menino para a biblioteca depois que o professor expulsou **ele**
 Pedro took the boy to the library after that the teacher expelled him
 'Pedro took the boy to the library after the teacher expelled him.'
- b. [_{VP} [_{FP} **ele**[-person] F_[person] [_{InnAspP} [_{InnAsp+V} expulsou [_{VP} <expulsou> <ele[-person]>]]]]]]

Since inanimates do not have a [Person] feature (see footnote 3), they do not move out of VP and their ellipsis can be licensed by the verb in InnAsp, as seen in (6b).

3 SPANISH NULL OBJECTS

It is well known that (Peninsular) Spanish does not allow definite null objects:

- (8) *Pedro arreglaba *las bicicletas* y Rosa vendía \emptyset a sus amigos.
 Pedro repaired the bicycles and Rosa sold to her friends

Cyrino (2016b) relates the lack of definite null objects (DP ellipsis) in Spanish to the lack of VP ellipsis in the language (see also CYRINO; MATOS, 2005, 2016a, 2019). In other words, since verbs in Spanish move to a high position, the verb is unable to license the ellipsis of the direct object.

- (9) **VP ellipsis**
 *Pedro le *leía libros a los niños*, y María también leía \emptyset .
 Pedro CL read books to the children and María too read

- (10) **DP ellipsis**
 *Pedro arreglaba *las bicicletas* y Rosa vendía \emptyset a sus amigos.
 Pedro repaired the bicycles and Rosa sold to her friends

Interestingly, however, null objects whose antecedents are indefinites are indeed possible in Spanish (CAMPOS, 1986; SANCHEZ, 1999; among others), as seen in (11):

- (11) A: ¿Compraste *puros*?
 bought cigars
 'Did you buy cigars?'
- B: Sí, compré \emptyset
 yes bought
 'Yes, I bought (some).'

(SANCHEZ, 1999, p. 236)

Besides question-answer pairs as (11), coordinated sentences (12) also allow such indefinite null objects in Spanish.

- (12) Ando buscando *candidatos*, pero no encuentro \emptyset .
 walk looking-for candidates but not find
 'I'm looking for applicants, but I don't find (them).'

(LACA, 2013, p. 110)

Notice that (13) is also possible, when Pedro and Maria examine different students (MT Espinal, p.c.):

- (13) Pedro examina *alumnos* y María también examina \emptyset .
 Pedro examines students and María also examines
 'Pedro examines students and María does too.'

However, the sentence in (13) cannot be considered to exhibit VP ellipsis, since the language lacks this possibility, as seen above. So how can these null objects be possible in the language?

Campos (1986, p. 354) analyzes indefinite direct objects in Spanish by proposing that they may be dropped when the empty element occupying the argument position of the verb functions as a variable. The gap corresponds to a trace of the operator OP (HUANG, 1984; RAPOSO, 1986), and as such, it is subject to constraints on movement (islands), as can be seen in (14):

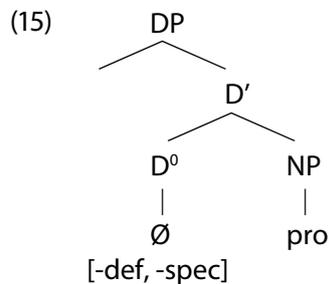
- (14) A: ¿Encontraron *entradas* para la película?
 'Did you find tickets for the movie?'

B: *Sí, pudimos entrar al cine porque encontramos \emptyset .
 'Yes, we were able to go into the cinema because we found (some).'

Sanchez (1999, p. 237-238), however, proposes a null pronoun analysis for indefinite null objects in Spanish. She states that:

Restrictions on definiteness and specificity imposed on the antecedents of this pronoun can be better understood as a consequence of a matching in definiteness and specificity features between the antecedent's D^0 and the pronoun. If pronouns are DPs as proposed by Raposo (1997) and Uriagereka (1995), such matching can be formalized by assuming that the D^0 that heads the null pronoun in Standard Spanish is marked for [-definite, -specific] features (...). (SANCHEZ, 1999, p. 237-238)

The author proposes the structure in (15) for standard Spanish, based on Raposo (1997) and Uriagereka (1995):



BP also allows indefinite null objects. More puzzling in this language, however, is the fact that indefinite null objects, differently from definite null objects, allow both animate and inanimate antecedents:

- (16) a. Ando procurando *candidatos*, mas não encontro ∅.
 walk looking-for applicants but not find
 'I've been looking for applicants, but I don't find (them).'
- b. Ando procurando *poltronas*, mas não encontro ∅.
 walk looking-for armchairs but not find
 'I've been looking for armchairs, but I don't find (them).'

The puzzle is: why are null objects as the ones in (16a) possible in BP, where the antecedent is animate? They cannot be the result of DP ellipsis, since, as shown above, animate DPs move to a high position outside InnAspP and ellipsis could not be licensed in that position. In other words, it seems that indefinite null objects in BP are insensitive to the animacy feature of the antecedent.

How can we account for this? The answer I propose is related to the analysis of the indefinite DPs that are the antecedents to these null objects. Notice that they are Bare Plurals (BPIs) both in Spanish and BP — (17a) and (17b) respectively:

- (17) a. Ando buscando *candidatos*, pero no encuentro ∅.
 b. Ando procurando *candidatos*, mas não encontro ∅.
 'I've been looking for applicants, but I don't find (them).'

In order to explore this fact, we have to look at BPIs in object position in both languages.

4 ON BARE PLURALS

Bare Plurals in Spanish are only possible as objects, as postverbal subjects, or as modified/focalized preverbal subjects:

(18) **Postverbal subject**

- a. Asistieron *obispos*.
 Attended.3PL bishops
 '(Some) bishops attended.'

Preverbal subject

- b. **Obispos* asistieron.
 bishops attended.3PL

Emphatic-Focus Fronting

- c. *OBISPOS* asistieron.
 bishops attended.3PL
 '(Even some) bishops attended.'

(LACA, 2013, p. 96)

Laca (2013) observes that there is a sub-kind of Spanish BPIs (not noticed by the literature) that poses several problems for semantic theories with respect to their status. Thus, there is a group of preverbal BPIs that do not have the intonation pattern of (the better understood) emphatic focus fronting but, nonetheless, it does not correspond to the unmarked intonation under which preverbal bare nouns are not allowed in Spanish. She calls these structures "topicalized bare plurals", as in (19):

(19) **BPI topicalization**

- Obispos* asistieron
 bishops attended.3PL
 '(As for) bishops, (some) attended.'
 [pero no arzobispos /pero se retiraron de inmediato]
 But no archbishops did /but they left rightaway

(LACA, 2013, p. 96)

This is also the case with object topicalization, as in (20):

(20) **Object topicalization**

- a. *Bicicletas* vendemos.
 bicycles sell.1PL
 [pero en este momento no] hay
 but at this moment not there-is
 'We do sell bicycles, but we have none at the moment.'

Split-topicalization

- b. *Obispos* asistieron varios.
 bishops attended.3PL several
 '(As for) bishops, several attended.'

(LACA, 2013, p. 96)

Laca (2013) assumes BPIs are properties, but then the problem is to explain their topicalized position (not allowed to properties). Her strategy to solve this apparent contradiction is to show that the “topicalized bare plurals” are not really topics in the sense of Cohen & Erteschik-Shir (2002). She concludes that the “topicalized bare plurals” should be better analyzed as external topics base-generated in this position.

But how does a property denoting BPI get to be the necessary type <e>? Laca assumes an independently required nominal null element, which is in this case anaphorically linked with the BPI. Evidence for this element, which would have the right semantic type for triggering the existential type-shift, comes from indefinite argument drop and nominal ellipsis. In other words, Laca relates these two widely ignored phenomena in this insightful way.

Laca (2013, p. 110) proposes:

in BPL-Topicalization there is an element of category N/NP and of semantic type <e,t> sitting in the relevant (“gapped”) argument position, and this element triggers the existential type-shift of the verbal predicate. This element is, however, not pronounced. It is not a trace, nor a null-clitic, but a case of N'-deletion/NP-ellipsis, of which there are other instances in Spanish. (LACA, 2013, p. 110)

In other words, for Laca (2013), the BPI identified gaps found in (21)-(22) are also present in the phenomenon investigated as NP ellipsis for Spanish (23):

(21) **Topicalized BPI**

Obispos asistieron \emptyset .
 [pero no arzobispos/pero se retiraron de inmediato]

(LACA, 2013, p. 96)

(22) **Indefinite null object**

Ando buscando *candidatos*, pero no encuentro \emptyset .

(LACA 2013, p. 110)

(23) **NP ellipsis in Spanish**

Ayer vi la *casa* roja y la \emptyset azul.
 yesterday saw the house red and the blue
 'Yesterday, I saw the red house and the blue one.'

(29) **Topicalized BPIs**

[Periódicos] hay un comerciante en el barrio que vende [periódicos]
 newspapers has a shopkeeper in the neighborhood that sells
 '(As for) newspapers, there is a shopkeeper in the neighborhood who sells them.'

(LACA, 2013, p. 109)

The semantic literature (DOBROVIE-SORIN; LACA, 1996, 2003; McNALLY, 2004; VAN GEENHOVEN, 1996; among others) propose that BPIs in Romance have a property type denotation (that is, syntactically, they correspond to NPs). But, if that were the case, they should not be able to occur in topic position (LACA, 2013). Laca tries to circumvent this problem with a specific proposal for a semantic type shifting operation.

Instead, I advance a different analysis by assuming the proposal in Espinal & Cyrino (2013) and in Espinal & Cyrino (2019) for BPIs.

6 PROPOSAL

Espinal & Cyrino (2013) and Espinal & Cyrino (2019) propose that, syntactically, Romance BPIs are DPs containing an operator DE adjoined to a pluralized D. This operator cancels the definiteness of the DP. Hence, the structure for indefinites (BPIs) as *candidatos* in (28) is shown in (30):

(30) $[_{DP} [_D DE [_D PLURALIZER [_{D_{def}} \emptyset]]] [_{NP} candidato]]$

In order to explain the puzzle seen above concerning the possibility for indefinite null objects in BP and Spanish, I propose that in this type of null objects, we have *nominal ellipsis* in both languages and the *licenser* is the null D in BPIs.⁴

(31) a. Ando buscando *candidatos*, pero no encuentro \emptyset .
 b. ... buscando $[_{DP} [_D DE [_D PLURALIZER [_{D_{def}} \emptyset]]] [_{NP} candidato]]$
 ... encuentro $[_{DP} [_D DE [_D PLURALIZER [_{D_{def}} \emptyset]]] [_{NP} candidato]]$
└──────────────────┘
ellipsis licensing

As seen above, Laca (2013) proposes that the topicalization of BPIs involves an instance of nominal ellipsis. In my proposal, both null indefinite objects and topicalization of BPIs are possible because the nominal ellipsis is licensed by a null D_{def} whose definiteness has been cancelled by the operator DE . Therefore, in the topicalization of a BPI as in (32a) in Spanish, we have nominal ellipsis as in the structure in (32b):

(32) a. Novelas, leo \emptyset .
 novels read
 '(As for) novels, I read (them).'

⁴ Recall that Sanchez (1999) also proposes that null objects in Spanish are licensed by an empty (a *pro*) D.

- b. $[_{Top} [_{DP} [_{D} DE [_{D} PLURALIZER [_{Ddef} \emptyset]]]] [_{NP} novela] Top] \dots [_{DP} [_{D} DE [_{D} PLURALIZER$
 $[_{Ddef} \emptyset]]] [_{NP} novela]$
└──────────┘
ellipsis licensing

In this way, if we attribute for both BP and Spanish the same structure for BPIs and the same licensers for nominal ellipsis, the puzzle pointed out in this paper seems to have been solved.

7 CONCLUSION

Assuming there are different ways of ellipsis licensing — VP ellipsis and nominal ellipsis are licensed by different functional categories (LOBECK, 1995) —, this proposal aims to explain puzzling data on null objects in Spanish and BP.

However, there are some further questions to be explored:

- (i) what is the precise relationship between indefinite null objects and NP ellipsis in Spanish in relation to movement restrictions?
- (ii) what is the actual informational and discourse-functional role of topicalized BPIs and nominal ellipsis?

In any case, this squib explores a possible solution for the puzzling fact involving null indefinite objects in both Spanish and BP: in the former language it is the only possible occurrence of null objects, in the latter it is unrestrictedly allowed. In both cases, my proposal goes in the direction that, given the fact that indefinites are involved, we do not have a null object *per se*, but a case of nominal ellipsis licensed by a null Determiner.

REFERENCES

- CAMPOS, Hector. Indefinite object drop. *Linguistic Inquiry*, v. 17, n. 2, p. 354-359, 1986.
- COHEN, Ariel; ERTESCHIK-SHIR, Nomi. Topic, Focus and the Interpretation of Bare Plurals. *Natural Language Semantics*, v. 10, p. 125-165, 2002.
- CYRINO, Sonia. *O Objeto Nulo no Português Brasileiro: Um estudo sintático-diacrônico*. Londrina: Editora da UEL. [versão publicada da tese de doutorado, Unicamp, Campinas, 1994]. 1997.
- CYRINO, Sonia. Animacy and null objects in Brazilian Portuguese. Trabalho apresentado no *Linguistics Colloquium Series*, Stony Brook University, 2016a.
- CYRINO, Sonia. The null object in Romania Nova. In: KATO, Mary; ORDOÑEZ, Francisco (ed.). *The morphosyntax of Portuguese and Spanish in Latin America*. Oxford: Oxford University Press, 2016b. p. 177-203.
- CYRINO, Sonia. O objeto nulo do português brasileiro: sincronia e diacronia. In: GALVES, Charlotte; KATO, Mary; ROBERTS, Ian (ed.). *Português brasileiro: uma segunda viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 2019. p. 173-200.
- CYRINO, Sonia; MATOS, Gabriela. Local licensers and recovering in VPE. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 4, n. 2, p. 79-112, 2005.
- CYRINO, Sonia; MATOS, Gabriela. Null Objects and VP Ellipsis in European and Brazilian Portuguese. In: WETZELS, W. Leo; COSTA, João; MENUZZI, Sergio (ed.). *The handbook of Portuguese linguistics*. Malden: Wiley, 2016. p. 294-316.
- DOBROVIE-SORIN, Carmen; LACA, Brenda. *Generic BNPs*. Ms. Université Paris 7/ Université Strasbourg II. 1996.
- DUARTE, Maria Eugenia Lammoglia. *Variação e sintaxe: Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil*. Tese (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1986.
- ESPINAL, M. Teresa; CYRINO, Sonia. Preverbal bare nominal in Brazilian Portuguese. In: CHIRIACESCU, Sofiana. (ed.) *Proceedings of the VI Nereus International Workshop "Theoretical implications at the syntax/semantics interface in Romance"*. *Arbeitspapier 127. Fachbereich Sprachwissenschaft*. Konstanz: Universität Konstanz, 2013. p. 19-31.
- ESPINAL, M. Teresa; CYRINO, Sonia. *A new syntactically-driven approach to Romance plural indefinites*. 2019. Paper presented at the Romania Nova Workshop XI – Alfalito, September 19-20, New York. 2019.
- GEENHOVEN, Merle van. *Semantic incorporation and indefinite descriptions*. PhD. University of Tübingen, 1996.

HUANG, C-T. James. On the distribution and reference of the empty categories. *Linguistic Inquiry*, v. 15, p. 531-574, 1984.

IRIMIA, Monica-Alexandrina; CYRINO, Sonia. Unifying differential marking: from Brazilian Portuguese to adpositional DOM. *Revue Roumaine de Linguistique*, v. LXII, n. 4, p. 411-426, 2017.

LACA, Brenda. Spanish bare plurals and topicalization. In: KABATEK, Johannes; WALL, Albert (ed.). *New Perspectives on Bare Noun Phrases in Romance and Beyond*. Amsterdam: John Benjamins, 2013. p. 95-120.

LOBECK, Anne. *Ellipsis: functional heads, licensing and identification*. Oxford: Oxford University Press, 1995.

LÓPEZ, Luiz. *Indefinite objects: Scrambling, choice functions, and differential marking*. Cambridge: MIT Press, 2012.

McNALLY, Louise. Bare plurals in Spanish are interpreted as properties. *Catalan Journal of Linguistics*, v. 3, p. 115-133, 2004. DOI: <https://doi.org/10.5565/rev/catjl.107>.

MERCHANT, Jason. *The syntax of silence: sluicing, islands and theory of ellipsis*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

ORDOÑEZ, Francisco; ROCA, Francesc. Differential Object Marking (DOM) and clitic subspecification in Catalanian Spanish. In: GÁLLEGO, Angel (ed.). *The Syntactic Variation of Spanish Dialects*. Oxford: Oxford University Press, 2018.

ORMAZABAL, Juan; ROMERO, Juan. The object agreement constraint. *Natural Language & Linguistic Theory*, v. 25, n. 2, p. 315-347, 2007.

RAPOSO, Eduardo. On the null object in European Portuguese. In: JAEGGLI, Oswaldo; SILVA-CORVALÁN, Carmen (ed.). *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht: Foris, 1986. p. 373-390.

RAPOSO, Eduardo. *Definite/Zero Alternations in Portuguese*. 1997. Paper presented at the XXVII Linguistic Symposium on Romance Languages, Los Angeles, February 20-22, 1997.

SAAB, Andrés. Nominal ellipsis. In: CRAENENBROECK, Jeroen van; TEMMERMAN, Tanja (ed.). *The Oxford handbook of ellipsis*. Oxford: Oxford University Press, 2018. p. 526-561.

SANCHEZ, Liliana. Null objects and D⁰ features in contact Spanish. In: AUTHIER, Jean-Marc; BULLOCK, Barbara; REED, Lisa (ed.). *Formal Perspectives on Romance Linguistics: Selected papers from the 28th LSRL*. Amsterdam: John Benjamins, 1999. p. 227-242.

URIAGEREKA, Juan. Aspects of the syntax of clitic placement in Western Romance. *Linguistic Inquiry*, v. 26, p. 79-124, 1995.



SQUIBS

SQUIBS

SQUIBS





VALÊNCIA VERBAL E TEMPO VERBAL NO ESPANHOL COLOMBIANO: UMA ANÁLISE CARTOGRÁFICA DA SUBIDA DO VERBO

FRANCISCO DE PAULA FORERO PATAQUIVA*

RESUMO

Na cartografia sintática (RIZZI, 1997; CINQUE, 1999; CINQUE; RIZZI, 2010; RIZZI; CINQUE, 2016), vertente da teoria de princípios e parâmetros (CHOMSKY, 1991), os advérbios são considerados elementos fixos e, portanto, uma ferramenta fidedigna para determinar o movimento do verbo (POLLOCK, 1989). Desse modo, há na estrutura da oração, nomeadamente no *Middlefield*, cerca de quarenta projeções funcionais rigidamente ordenadas, cada uma podendo apresentar um advérbio de classe semântica distinta em seu Spec. Essa estrutura recebe o nome de hierarquia universal de IP (CINQUE, 1999). Este trabalho apresentará dados do movimento do verbo em espanhol colombiano (doravante, EC) em duas valências verbais: transitiva e intransitiva (inacusativa e inergativa). A intenção deste *squib* é discutir a associação entre valência verbal e a altura de pouso do verbo em relação à hierarquia anteriormente mencionada. Será examinada, do mesmo modo, a relação entre tempo verbal e movimento do verbo. Ao longo do texto, apresentaremos os instrumentos da sintaxe cartográfica, a fim de elucidar se a subida do verbo leva em conta valência e tempo.

Palavras-chave: movimento do verbo, cartografia sintática, espanhol colombiano, hierarquia de Cinque

ABSTRACT

Within syntactic cartography (RIZZI, 1997; CINQUE, 1999; CINQUE; RIZZI, 2010; RIZZI; CINQUE, 2016), an approach of the principles and parameters theory (CHOMSKY, 1991), adverbs are considered fixed elements, therefore, they are a reliable tool to determine the movement of the verb (POLLOCK, 1989). The middlefield structure has about forty rigidly ordered functional projections, each one having an adverb of a different semantic class in its specifier. This structure is called the universal IP hierarchy (CINQUE, 1999). This work will present data on the movement of Colombian Spanish verb, henceforth EC, by taking into account two verbal valencies: transitive and intransitive (unaccusative and inergative). The aim of this squib is to discuss the association between verbal valency and the landing height of the verb regarding the aforementioned hierarchy. The relation between tense and verb movement will be examined in the same fashion. Throughout the text, we will present the toolbox of cartographic syntax, in order to elucidate whether tense and verbal valency interfere with verb raising.

Keywords: verb movement, syntactic cartography, Colombian Spanish, Cinque's hierarchy

* Universidade Estadual de Campinas, Unicamp. LaCaSa – Laboratório de Cartografia Sintática (<https://is.gd/LaCaSaUnicamp>), e-mail: franciscodepaulafopa@gmail.com. Agradeço a bolsa PIBIC/CNPq (edição 2018/2019 e 2019/2020) que me permitiu realizar a pesquisa.

1 INTRODUÇÃO

O advérbio é uma ferramenta fidedigna de movimento do verbo, visto que nos permite saber quando o V deixou ou não o domínio temático e se está localizado no domínio da flexão, se assumirmos que os advérbios sejam adjuntos de projeções do verbo (VP, TP, AgrSP, etc.). Dentro da tradição da gramática gerativista, Pollock (1989) nos introduz à possibilidade do advérbio como diagnóstico para a subida do verbo. No seu trabalho seminal, Pollock apresenta dados do inglês e do francês, ressaltando as diferenças no comportamento do movimento do verbo finito e não finito. Com base em pares de dados como os apresentados em (1), o autor propõe a divisão do IP em duas projeções, AgrP e T(ense), para explicar os comportamentos distintos do inglês (vide (1a) e (1b)) e do francês (vide (1a') e (1b')).

- (1) a. * John kisses often Mary
John beija frequentemente Mary
'John beija frequentemente Mary.'
- a'. Jean embrasse souvent Marie.
Jean beija frequentemente Marie
'Jean beija frequentemente Marie.'
- b. John often kisses Mary.
John frequentemente beija Mary
'John frequentemente beija Mary.'
- b'. * Jean souvent embrasse Marie.
Jean frequentemente beija Marie
'Jean frequentemente beija Marie.'

(POLLOCK, 1989, p. 367)

A partir da revisão dessa ideia e adotando o conceito de cisão do IP, Cinque (1999) propôs uma nova divisão dessa zona sentencial, dessa vez em aproximadamente quarenta projeções funcionais rigidamente ordenadas na estrutura da oração, cada uma podendo ser caracterizada com uma classe semântica de advérbio. Baseando-nos nas propostas de Pollock e Cinque, adotamos neste trabalho a proposta da cartografia sintática, recorrendo aos advérbios da hierarquia universal para detectar a altura a que diversas formas verbais sobem.

Para determinar as categorias que comporiam esse sintagma flexional expandido, Cinque (1999) recorre à distribuição relativa de advérbios de classes semânticas distintas em diferentes línguas, bem como à ordenação de núcleos funcionais também em centenas de línguas. Para chegar, então, à hierarquia de IP, Cinque utilizou testes de precedência e transitividade envolvendo advérbios de classes semânticas distintas. O autor tomou dois advérbios distintos por vez, colocando-os nas duas ordenações possíveis. Assim, se dado

AdvPA precede (>) dado AdvPB, que precede um AdvPC, por transitividade infere-se que o AdvPA precede o AdvPC. A não ser que algum traço da estrutura informacional (Tópico, Foco, etc.) tenha de ser valorado, os advérbios permanecem fixos na estrutura e não se movem da posição em que foram inicialmente soldados (*Merged*). A hierarquia universal de Cinque é dada em (2), a seguir.

(2) A hierarquia universal de advérbios e projeções funcionais de IP

francamente ModoAto de fala > [surpreendentemente ModoMirativo > [felizmente ModoAvaliativo > [evidentemente ModoEvidencial > [provavelmente ModalidadeEpistêmica > [uma vez TPassado > [então TFuturo > [talvez ModoIrrealis > [necessariamente ModalidadeNecessidade > [possivelmente ModalidadePossibilidade > [normalmente AspHabitual > [finalmente AspTardivo > [tendencialmente AspPredisposicional > [novamente AspRepetitivo(I) > [frequentemente AspFrequentativo(I) > [de/com gosto ModalidadeVolitiva > [rapidamente AspAcelerativo(I) > [já TAnterior > [não ... mais AspTerminativo > [ainda AspContinuativo > [sempre AspContínuo > [apenas AspRetrospectivo > [(dentro) em breve AspAproximativo > [brevemente AspDurativo > [(?) AspGenérico/Progressivo [quase AspProspectivo > [repentinamente AspIncoativo(I) > [obrigatoriamente ModoObrigação > [à toa AspFrustrativo > [(?) AspConativo > [completamente AspSingCompletivo(I) > [tudo AspPlurCompletivo > [bem Voz > [cedo AspAcelerativo(II) > [do nada AspIncoativo(II) > [de novo AspRepetitivo(II) > [frequentemente AspFrequentativo(II) > ...

(CINQUE, 1999, p. 106; CINQUE, 2006)¹

Os advérbios se encontram acima de VP, segundo Cinque; portanto, são diagnósticos fidedignos da subida do V, assim como bons indicadores da altura que se encontram no *Middlefield*. Será assumido também neste trabalho um movimento sintagmático do verbo, e não um movimento nuclear. Adotamos também o princípio “One feature, one head” (KAYNE, 2005; CINQUE; RIZZI, 2010), em que cada traço do sistema conceitual é projetado como uma categoria na sintaxe. Pensando nesses termos, temos que a hierarquia universal de IP seria uma organização de traços ordenados rigidamente em uma estrutura de base. Uma vez definida a linha de pesquisa deste trabalho, o objetivo do presente *squib* será discutir as relações entre movimento do verbo, tempo verbal e valência verbal. Esta pesquisa dialoga com os estudos cartográficos das línguas românicas, especialmente com a pesquisa focada em variedades ibéricas (TESCARI NETO, 2019). Aqui, destaca-se que a escolha do EC deve-se ao fato de o autor deste texto ser falante nativo dessa variedade do espanhol.

A hipótese de trabalho é a de que a subida do verbo temático, no indicativo, está em uma relação de dependência com a valência do próprio verbo e o tempo verbal. Com o intuito

¹ Essa versão para o português brasileiro é baseada em Tosqui e Longo (2004), Santana (2005, 2007) e Tescari Neto (2013).

de facilitar a apresentação dos dados do EC e discutir as relações entre tempo verbal, valência verbal e altura de pouso do verbo, a organização deste *squib* será a seguinte. Na segunda seção, serão apresentados os dados coletados referentes ao EC, considerando-se a valência verbal e o tempo verbal. Na seção três, a relação entre o movimento do verbo e a hierarquia universal de IP de Cinque, assim como o papel do tempo e da valência verbal, serão explorados com detalhes. Na sequência, na quarta seção, apresentaremos as considerações finais do trabalho e as implicações dos resultados para a cartografia sintática.

2 SUBIDA DO VERBO NO EC: VALÊNCIA E TEMPO SÃO RELEVANTES?

Nesta seção, serão apresentados os dados do movimento do verbo em EC, considerando-se duas transitividades e três tempos verbais. Os dados utilizados são produto da pesquisa do autor, falante nativo de EC, obtidos por meio do método negativo da gramática gerativa. Em (2), considera-se uma cisão interna na mesma hierarquia, em três porções (baixa, medial e alta), cada uma com um padrão consistente de movimento do verbo. Escolhemos três advérbios de cada uma das porções, o que totaliza nove advérbios em cada um dos quadros que apresentaremos a seguir. Os advérbios baixos são aqueles compreendidos entre as classes AspFrequentativo(II) até ModoObrigação; entre a classe AspIncoativo(I) e a classe AspHabitual estão os mediais; e a última porção, com os advérbios mais altos, localiza-se entre ModalidadePossibilidade e ModoAto de fala.

Os comentários a respeito dos dados ficam reservados à terceira seção. Os quadros a seguir sintetizam os resultados de Forero Pataquiva (2019) sobre o comportamento do verbo no EC em uma análise detalhada com cada advérbio. Eles apresentam os julgamentos de gramaticalidade para sentenças do EC em que são combinados os elementos advérbio (A), objeto (O) e verbo (V); a vírgula colocada entre o V e o A (nomeadamente na ordem V,A)² indica o que a literatura chama de *comma intonation* (TESCARI NETO, 2013), que pode ser percebida, no julgamento da sentença, como uma breve pausa entre esses dois elementos, com alteração do escopo do advérbio, i.e., com o advérbio modificando todo o conteúdo proposicional — *wide scope*, não *narrow scope* (TESCARI NETO, 2015). Foram considerados os três tempos simples do indicativo presente (PR), pretérito perfeito (PT) e futuro do presente (FT).

2 A ordem A,V (com pausa nítida entre o advérbio e o verbo) não é de interesse para esta análise devido ao fato de essa ordem envolver movimento à periferia esquerda, o que mascara o movimento do verbo.

QUADRO 1 — A POSIÇÃO DO VERBO TEMÁTICO INTRANSITIVO INACUSATIVO^{3,4}

Item Lexical	Classe	A-V			V-A			V,A		
		PR	PS	FT	PR	PS	FT	PR	PS	FT
<i>Sinceramente</i>	ModoAtodefala	✓✓	✓✓	✓✓	*	*	**	✓	✓	✓✓
<i>Afortunadamente</i>	ModoAvaliativo	✓✓	✓✓	✓✓	**	**	**	✓	✓	✓✓
<i>Evidentemente</i>	ModoEvidencial	✓	✓✓	✓✓	**	*	*	✓	✓	✓✓
<i>Frequentemente</i>	AspFrequentativo(I)	**	**	*	✓✓	✓✓	✓✓			
<i>Ya</i>	TAnterior	✓✓	✓✓	?	**	**	?	?	✓	✓✓
<i>Ya no</i>	AspTerminativo	✓✓	✓✓	✓✓	**	**	**	✓	?	✓✓
<i>Obligatoriamente</i>	ModoObligaçã	*	*	?	✓✓	✓✓	✓	✓	✓	✓
<i>Todo</i>	PICompleitive	**	**	**	✓✓	✓✓	✓✓	✓	✓	✓✓
<i>Bien</i>	Voz	**	**	**	✓✓	✓✓	✓✓	✓	✓	✓✓

Fonte: elaborado pelo autor.

No Quadro 1, temos os resultados de juízos de gramaticalidade das sentenças com valência verbal intransitiva inacusativa nas duas ordens possíveis, ou seja, uma em que o advérbio precede o verbo e uma em que o verbo o antecede. Para trazer um exemplo das ordens indicadas nesse quadro, apresentamos, em (3), sentenças envolvendo o advérbio AspFrequentativo(I) da hierarquia de Cinque, com a indicação de sua respectiva ordem à direita, entre parênteses:

- (3) a. * *María frecuentemente aparece.* (A-V)
Maria frecuentemente aparece
 'Maria frecuentemente aparece.'
- b. *María aparece frecuentemente.* (V-A)
Maria aparece frecuentemente
 'Maria aparece frecuentemente.'

QUADRO 2 — A POSIÇÃO DO VERBO TEMÁTICO INTRANSITIVO INERGATIVO

Item Lexical	Classe	A-V			V-A			V,A		
		PR	PS	FT	PR	PS	FT	PR	PS	FT
<i>Sinceramente</i>	ModoAtodefala	✓✓	✓✓	✓✓	*	*	**	?	✓	✓✓
<i>Afortunadamente</i>	ModoAvaliativo	✓✓	✓✓	✓✓	*	**	**	✓✓	✓	✓
<i>Evidentemente</i>	ModoEvidencial	✓✓	✓✓	✓✓	*	*	**	✓✓	✓	✓✓
<i>Frequentemente</i>	AspFrequentativo(I)	*	**	*	✓✓	✓✓	✓✓			
<i>Ya</i>	TAnterior	?	✓✓	?	?	**	?	✓	✓	✓✓
<i>Ya no</i>	AspTerminativo	✓✓	✓✓	✓✓	**	**	**	?	✓	?
<i>Obligatoriamente</i>	ModoObligaçã	*	*	?	✓✓	✓✓	✓	✓	✓	✓✓
<i>Todo</i>	PICompleitive	**	**	**	✓✓	✓✓	✓✓	✓	✓	✓✓
<i>Bien</i>	Voz	**	**	**	✓✓	✓✓	✓✓	✓	?	✓

Fonte: elaborado pelo autor.

3 No Quadro 1 e nos demais quadros deste trabalho, o símbolo "*" indica agramaticalidade na ordenação e o símbolo "✓" indica gramaticalidade, enquanto "?" é reservado para sentenças julgadas marginais.

4 Os equivalentes dos itens lexicais, em português brasileiro, são, de baixo para cima, 'bem', 'tudo', 'obrigatoriamente', 'já não', 'já', 'frequentemente', 'supostamente', 'felizmente' e 'francamente'.

No Quadro 2, temos os dados de juízos de gramaticalidade das sentenças com valência verbal inergativa em duas ordens, tal como nos exemplos em (3). As sentenças em (4) servirão como guia das ordens codificadas no Quadro 2. Nestes exemplos, faremos uso do advérbio da projeção ModoEvidencial da hierarquia de Cinque, com sua respectiva ordem indicada novamente entre parênteses, à direita:

- (4) a. *María evidentemente corre.* (A-V)
 Maria evidentemente corre
 'Maria evidentemente corre.'
- b. * *María corre evidentemente.* (V-A)
 Maria corre evidentemente
 'Maria corre evidentemente.'

QUADRO 3 — A POSIÇÃO DO VERBO TEMÁTICO TRANSITIVO

Item Lexical	Classe	A-O-V			A-V-O			V-A-O			V-O-A			V-O,A		
		PR	PS	FT												
<i>Sinceramente</i>	ModoAtodefala				✓	✓	✓	✓	?	?	*	*	*	?	?	✓
<i>Afortunadamente</i>	ModoAvaliativo				✓	✓	✓	?	*	*	*	*	*	✓	✓	?
<i>Evidentemente</i>	ModoEvidencial				✓	✓	✓	✓	*	*	*	*	*	✓	✓	✓
<i>Frecuentemente</i>	AspFrequentativo(I)				*	*	*	?	✓	*	✓	✓	✓			
<i>Ya</i>	TAnterior				✓	✓	✓	**	*	**	?	?	?			
<i>Ya no</i>	AspTerminativo				✓	✓	✓	**	**	**	**	**	**			
<i>Obligatoriamente</i>	ModoObligaçã	**	**	**	*	*	?	✓	✓	✓	✓	✓	✓			
<i>Todo</i>	PICompletive	**	*	**	**	**	*	✓	✓	✓	✓	✓	✓			
<i>Bien</i>	Voz	**	**	**	*	**	**	✓	✓	✓	✓	✓	✓			

Fonte: elaborado pelo autor.

No Quadro 3, temos os resultados de juízos de gramaticalidade de sentenças transitivas; por terem também um objeto, são possíveis mais combinações dos elementos na sentença. Assim, foram usadas as seguintes combinações com o advérbio AspFrequentativo(I):

- (5) a. * *María frecuentemente come la torta.* (A-V-O)
 Maria frecuentemente come o bolo
 'Maria frecuentemente come o bolo.'
- b. *María come frecuentemente la torta* (V-A-O)
 Maria come frecuentemente o bolo
 'Maria come frecuentemente o bolo.'
- c. *María come la torta frecuentemente.* (V-O-A)
 Maria come o bolo frecuentemente
 'Maria come o bolo frecuentemente.'
- d. * *María frecuentemente la torta come.* (A-O-V)
 Maria frecuentemente o bolo come
 'Maria frecuentemente o bolo come.'

3 ANÁLISE PRELIMINAR

Neste *squib* foram colocadas duas relações como foco da análise: (a) a relação entre valência verbal e movimento do verbo e (b) a relação entre tempo verbal e movimento do verbo. Com o intuito de esclarecer se existe, de fato, associação entre os elementos de (a), temos que, de posse dos dados, verificar se detectamos tendências gerais comuns às valências verbais transitiva e intransitiva. Os padrões a seguir devem ser entendidos como um levantamento de problema; para haver um maior apuramento, será necessário analisar dados de outras valências verbais. A seguir, apresentaremos os quatro paradigmas gerais encontrados a partir dos dados nos contextos apontados nos Quadros 1, 2 e 3, referentes à valência verbal intransitiva em suas duas formas (i.e., com V inacusativo e inergativo) e à valência transitiva.

- (i) No tocante aos advérbios baixos, exemplificados nos quadros pelas classes Voz, AspPlurCompleativo e ModoObrigação, observa-se consistentemente obrigatoriedade da subida do verbo, isto é, as ordens em que o advérbio precede o verbo são agramaticais.
- (ii) Na presença dos advérbios mediais — nos quadros, exemplificados pela projeção AspFrequentativo(I) —, o movimento do verbo é opcional, ou seja, há advérbios que podem anteceder ou seguir o verbo.
- (iii) No espaço de advérbios mediais, há, no entanto, um pequeno subgrupo de advérbios — *ya* ('já'), *ya no* ('já não'), *aún* ('ainda'), *siempre* ('sempre') e *casi* ('quase') —, denominados "advérbios escalares" por Garzonio e Poletto (2014), que admitem unicamente ordens pré-verbais. Cria-se a ilusão de ausência de movimento do verbo, devido à subida dos advérbios dessa classe para a periferia esquerda. Nos quadros, temos TAnterior e AspTerminativo como representantes dessa categoria.
- (iv) A respeito dos advérbios altos, isto é, os três advérbios mais altos nos quadros (ModoEvidencial, ModoAvaliativo e ModoAto de fala), sabe-se que a subida do verbo por cima deles produz geralmente sentenças agramaticais. Existe a possibilidade de ordens com subida do verbo só se tivermos uma pausa entre o advérbio e o verbo (TESCARI NETO, 2015), o que possibilita uma leitura com escopo diferente do que se tem em sentenças sem subida do verbo.

As ferramentas da proposta cartográfica, pontualmente, a assunção de advérbios fixos e subsequentemente a hierarquia universal de IP em (2), dividida em três zonas, nos permitem criar uma descrição consistente dos padrões no movimento do verbo de uma língua, nesse caso, o EC. À luz desta análise preliminar, essa linha de pesquisa torna-se promissora para produzir um retrato das estruturas que regem as línguas.

Acerca da relação entre tempo verbal e movimento do verbo, temos que os dados concernentes à posição do verbo em três tempos verbais simples (pretérito perfeito, presente e futuro do presente) parecem indicar o seguinte padrão: os conflitos semânticos,

emergentes da discrepância entre projeções funcionais referentes a tempos e o tempo verbal da sentença, geram agramaticalidade. Portanto, o comportamento dos advérbios das categorias TAnterior, TFuturo e TPassado parecem indicar um grau de interferência da questão do tempo como critério que influencia a altura de pouso dos advérbios da hierarquia de Cinque.

A seguir, com base nos dados do advérbio *ya* ('já'), referente à projeção TAnterior, podemos observar, nos Quadros 1 e 2, juízos de gramaticalidade marginais para todas as sentenças com tempos verbais diferentes do passado simples. O primeiro grupo de sentenças, em (6), apresenta os dados com verbos inacusativos no tempo verbal futuro e TAnterior; o segundo, em (7), por sua vez, apresenta tempo verbal presente e verbos inergativos com o mesmo advérbio.⁵

- (6) a. ?? *María ya aparecerá.* (A-V)
 Maria já aparecerá
 '*Maria já aparecerá.*'
- b. ?? *María aparecerá ya.* (V-A)
 Maria aparecerá já
 '*Maria aparecerá já.*'
- (7) a. ?? *María ya corre.* (A-V)
 Maria já corre
 '*Maria já corre.*'
- b. ?? *María corre ya.* (V-A)
 Maria corre já
 '*Maria corre já.*'

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados apresentados neste *squib*, podemos chegar à conclusão de que, em uma primeira inspeção, os dados de movimento do verbo em sentenças com valência verbal transitiva e intransitiva (em suas duas variantes, inergativa e inacusativa) parecem apresentar grandes similitudes nas três porções; portanto, é descartada uma relação entre subida do verbo e valência verbal, como evidenciado nos quatro padrões aplicáveis às valências estudadas. Posto isto, será preciso realizar o estudo das duas valências verbais não consideradas, nomeadamente, verbos bitransitivos e transitivos indiretos, com a mesma metodologia e expedientes empregados para determinar com absoluta certeza a ausência de variação.

⁵ Como bem apontado por um parecerista anônimo, o advérbio *ya* como terminativo resulta em ordens agramaticais; assim, parece que a marginalidade poderia surgir de uma leitura aproximativa do advérbio.

Quanto aos dados sobre a relação entre tempo verbal e altura de pouso do verbo, podemos observar que existe, de fato, uma relação entre o movimento verbal e o tempo, já que as projeções funcionais referentes a tempo parecem causar julgamentos de agramaticalidade em sentenças coerentes sintaticamente. Assim, nós nos deparamos com uma situação em que há uma aparente interferência em sentenças que envolvem projeções referentes a tempo. Isso pode ser o resultado do encontro entre a semântica da projeção funcional e do tempo verbal da sentença, mas é necessário realizar uma inspeção cuidadosa para podermos afirmar com certeza que existe essa relação.

Em vista dos padrões observados, a relação entre valência verbal e movimento do verbo é relevante, sendo o fator principal de movimento a altura dentro da hierarquia de IP observada nos dados apresentados neste *squib*.

Desse modo, esperamos que a discussão sobre os papéis exercidos pela valência verbal e pelo tempo verbal, junto com os dados aqui apresentados, enriqueçam os questionamentos sobre as possíveis motivações para o movimento do verbo e permitam também desenvolver uma visão mais detalhada do EC.

REFERÊNCIAS

- CHOMSKY, N. Some Notes on Economy of Derivation and Representation. In: FREIDIN, R. (ed.). *Principles and Parameters in Comparative Grammar*. Cambridge, MA: MIT Press, 1991. p. 417-454.
- CINQUE, G. *Adverbs and Functional Heads: A Cross-Linguistic Perspective*. 1. ed. New York: Oxford University Press, 1999. 288 p.
- CINQUE, G. *Restructuring and Functional Heads: The Cartography of Syntactic Structures*. V. 4. New York: Oxford University Press, 2006. 232 p.
- CINQUE, G.; RIZZI, L. The Cartography of Syntactic Structures. In: HEINE, B.; NARROG, H. (ed.). *The Oxford Handbook of Linguistic Analysis*. New York: Oxford University Press, 2010. p. 51-65.
- FORERO PATAQUIVA, F. P. *O movimento do verbo temático finito no espanhol de Bogotá: a vez da valência verbal*. Projeto de pesquisa. Campinas: UNICAMP/PIBIC, 2019.
- GARZONIO, J.; POLETTO, C. When low are high: on adverb movement in abruzzese. *Quaderni di lavoro ASIt*, v. 17, p. 19-34, 2014.
- KAYNE, R. S. *Movement and Silence*. New York: Oxford University Press, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780195179163.001.0001>
- POLLOCK, J.-Y. Verb Movement, Universal Grammar, and the Structure of IP. *Linguistic Inquiry*, [S.l.], v. 20, n. 3, p. 365-474, 1989.
- RIZZI, L. The Fine Structure of Left Periphery. In: HAEGMAN, L. (ed.). *Elements of Grammar*. Dordrecht: Kluwer Academic Publisher, 1997. p. 282-337. DOI: https://doi.org/10.1007/978-94-011-5420-8_7
- RIZZI, L.; CINQUE, G. Functional categories and syntactic theory. *Annual Review of Linguistics*, Palo Alto, CA, v. 2, p. 139-163, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1146/annurev-linguistics-011415-040827>
- SANTANA, M. S. *A sintaxe do advérbio*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- SANTANA, M. S. Sintagmas adverbiais como especificadores de projeções funcionais. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 189-202, 2007.
- TESCARI NETO, A. *On verb movement in Brazilian Portuguese: A Cartographic Study*. Tesi (Dottorato di Ricerca in Scienze del Linguaggio), Università Ca' Foscari, 2013.

TESCARI NETO, A. Por que advérbios altos não são diagnósticos para o movimento do verbo? *Linguística* [online], v. 31, n. 2, p. 27-46, 2015.

TESCARI NETO, A. Da posição do verbo temático em cinco variedades ibéricas / On the position of the thematic verb in five Iberian varieties. *REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM*, [S.l.], v. 27, n. 2, p. 737-770, feb. 2019.

TOSQUI, P.; LONGO, B. A distribuição dos advérbios modalizadores na sentença: uma análise de base gerativa. *Alfa*, v. 47, n. 1, p. 85- 97, 2004.

Squib recebido em 18 de maio de 2020.

Squib aceito em 4 de julho de 2020.



O PROCESSO DE CAUSATIVIZAÇÃO MORFOLÓGICA NA LÍNGUA TENETEHÁRA: ANÁLISES PRELIMINARES

ANA CLAUDIA MENEZES ARAUJO*

RESUMO

Este *squib* tem como objetivo analisar o processo de causativização morfológica na língua tenetehára realizado por meio dos morfemas causativos {*mu-*} e {-(*u*)*kar*}. O prefixo {*mu-*} tem a propriedade de causativizar verbos intransitivos, tornando-os transitivos, enquanto o sufixo {-(*u*)*kar*} se afixa a verbos transitivos e os torna ditransitivos. Os dados foram coletados a partir de entrevistas e analisados sob a perspectiva da teoria gerativista, com destaque para a proposta de Pylkkänen (2008). Os resultados das análises preliminares confirmam que a causativização morfológica na língua tenetehára ocorre por meio dos morfemas {*mu-*} e {-(*u*)*kar*}; contudo, apresentam-se algumas variações quanto à causativização dos predicados inacusativos.

Palavras-chave: língua tenetehára, estruturas causativas, morfemas causativos

ABSTRACT

This *squib* aims to analyze the process of morphological causativization in the tenetehára language performed through the causative morphemes {*mu-*} and {-(*u*)*kar*}. The prefix {*mu-*} has the property of causing intransitive verbs, making them transitive, while the suffix {-(*u*)*kar*} affixes itself to transitive verbs and makes them ditransitive. Data were collected from interviews and analyzed from the perspective of the generative theory, with emphasis on the proposal developed by Pylkkänen (2008). The results of the preliminary analyzes confirm that the morphological causativization in the tenetehára language occurs by means of the morphemes {*mu-*} and {-(*u*)*kar*}, however, there are some variations regarding the causativization of the unaccusative intransitive predicates.

Keywords: tenetehára language, causative structures, causative morphemes

* Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG. Programa de Pós-Graduação em Estudos linguísticos (Poslin). Professora Assistente I da Universidade Estadual do Maranhão, UEMA, *e-mail*: claudia-ama@hotmail.com. Este trabalho contou com a orientação do professor Fábio Bonfim Duarte e constitui o resultado apurado nas disciplinas de teoria sintática, cursadas durante o ano de 2019 no Poslin-UFMG.

1 INTRODUÇÃO

A língua tenetehára, falada pelo povo Tenetehára, pertence à família tupi-guarani, que, por sua vez, tem origem no tronco tupi. Atualmente é falada no estado do Maranhão por comunidades indígenas de mesorregiões como Oeste e Centro maranhense.

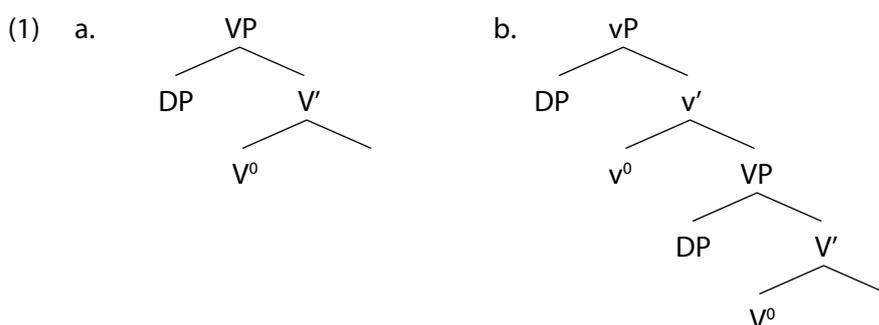
Essa língua indígena apresenta um processo de causativização bastante rico e complexo. Adotando a tipologia estabelecida por Comrie (1981), segundo a qual o processo de causativização varia em três formas estratégicas, a saber, causativização lexical, causativização analítica ou perifrástica e causativização morfológica, ressaltamos que a língua em questão apresenta esses três tipos. Neste estudo, todavia, destacamos apenas o processo de causativização morfológica, que ocorre por meio da adição dos afixos {*mu-*} e {-*ukar*} às bases verbais intransitivas e transitivas, respectivamente.

Nesse sentido, o presente *squib* tem como objetivo analisar o processo de causativização morfológica na língua tenetehára, realizado por meio dos morfemas causativos {*mu-*} e {-*(u)kar*}. O prefixo {*mu-*} tem a propriedade de causativizar verbos intransitivos (inergativos e inacusativos, por exemplo), tornando-os transitivos, enquanto o sufixo {-*(u)kar*} se afixa a verbos transitivos e os torna ditransitivos. Pretendemos, ainda, demonstrar algumas variações, identificadas nos dados, quanto ao comportamento sintático dos predicados inacusativos no curso do seu processo de causativização por tais morfemas. Essas variações diferem um pouco das variedades linguísticas analisadas em trabalhos anteriores, tais como os de Camargos (2013) e Duarte e Camargos (2011), que tiveram como base o dialeto tenetehára falado na Terra Indígena Arariboia.

Os dados utilizados para a realização dessa análise preliminar foram coletados a partir da aplicação de entrevistas não estruturadas a indígenas tenetehára-guajajaras da aldeia Cruzeiro, do município de Barra do Corda-MA, e da aldeia Lagoa Quieta, localizada no município de Amarante do Maranhão. Em seguida, esses dados foram analisados sob a perspectiva da teoria gerativa minimalista, com foco no processo de causativização de sentenças na língua estudada, segundo a proposta de Pykkänen (2008).

2 O PROCESSO DE CAUSATIVIZAÇÃO

O sintagma VP se constitui a partir do núcleo V e de suas relações com seus argumentos externos e internos. As estruturas internas das sentenças verbais, por sua vez, podem se construir a partir de VPs simples, com duas posições nucleares, ou de estruturas complexas duplas, que compreendem uma camada vP exterior com um núcleo VP interno a ela, dispondo de mais posições na estrutura argumental, capazes de alocar as configurações de verbos transitivos e ditransitivos. Podemos ter, assim, as representações sintáticas a seguir:



Considerando a importância da estrutura argumental complexa para explicar o funcionamento de alguns verbos, Radford, adaptando ideias de Larson (1988) e Hale e Keyser (1993), enfatiza que “VPs têm uma estrutura complexa, compreendendo um VP interno e uma camada vP externa, e que alguns argumentos (por exemplo, agente) se originam dentro da camada vP externa, enquanto outros (por exemplo, tema) se originam dentro do VP interno” (RADFORD, 1997, p. 192).¹ Nesse caso, como vemos na estrutura sintática em (1b), a projeção intermediária *v'* possui um núcleo *v°*, que será preenchido por um verbo de natureza causativa, chamado verbo leve (*light verb*).²

Segundo Adger (2002, p. 101), “muitas línguas têm estruturas, tradicionalmente chamadas causativas, que envolvem a justaposição de um verbo com uma partícula especial ou causação de marcação auxiliar”.³ Esse evento de causação é desencadeado pelo verbo leve (*v°*) mencionado anteriormente, por meio do encaixamento, como seu complemento, do evento causado.

Em conformidade com Pylkkänen (2008), o núcleo causativo nas línguas naturais pode variar parametricamente. Assim, de acordo com o parâmetro de cada língua, o verbo leve pode ser abstrato (ou seja, um verbo nulo com a mesma interpretação causativa de um verbo realizado), um verbo realizado ou, ainda, ser marcado por um morfema causativo (prefixo ou sufixo), como acontece na língua tenetehára-guajajara que estamos estudando.

1 No original: “VPs have a complex structure, comprising an inner VP and an outer vP shell, and that some (e.g. agent) arguments originate within the outer vP shell, while other (e.g. theme) arguments originate within the inner” (RADFORD, 1997, p. 192).

2 O núcleo causativo tem recebido diferentes rótulos no âmbito da literatura gerativista, tais como: *v°* e *v°_{cause}*. Assim, ao longo deste trabalho, poderemos utilizá-las concomitantemente.

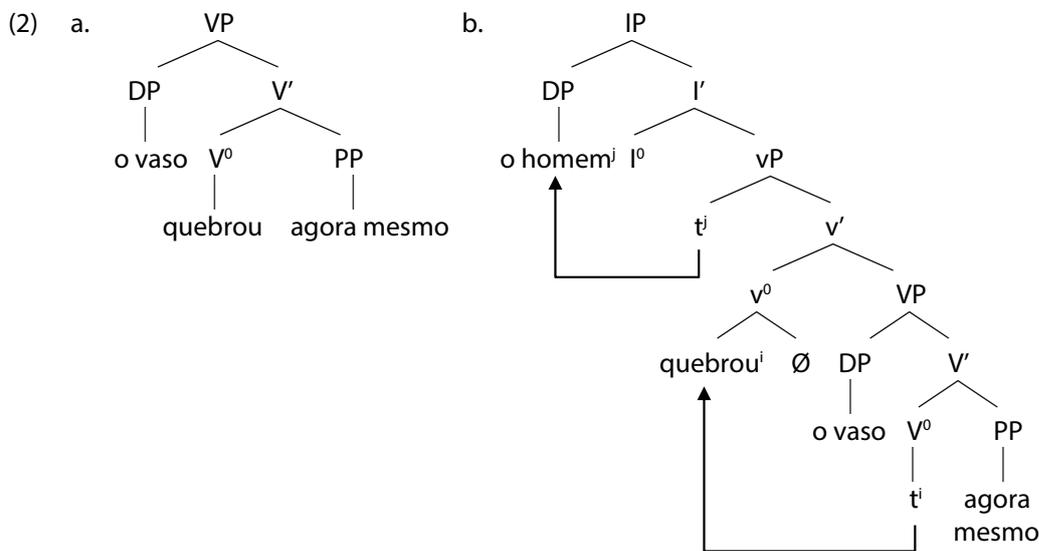
3 No original: “Many languages have structures, traditionally called causatives, which involve the juxtaposition of a verb with a special particle or auxiliary marking causation” (ADGER, 2002, p. 101).

Em sentenças consideradas bi-eventivas, formadas por VP complexo (com a camada vP), teremos a realização do fenômeno da causativização. Para explicar a sintaxe das sentenças causativas, Radford (1997) usa a análise de VP-Shell, conforme traçaremos o passo a passo dessa operação a seguir. De forma a deixar mais clara a análise apresentada pelo autor, utilizaremos como exemplos as sentenças a seguir:

- (2) a. O vaso quebrou agora mesmo.
- b. O homem quebrou o vaso agora mesmo.

Conforme procedimento delineado por Radford, para analisar a estrutura causativa, teremos os seguintes movimentos:

- (i) Inicialmente, temos a sentença (2a), *O vaso quebrou agora mesmo*, que está acarretada na semântica da sentença causativa (2b). Em (2a), o núcleo V *quebrou* é juntado com o seu complemento de PP *agora mesmo*, o qual pode ser considerado um adjunto com a propriedade de se fundir com a categoria do verbo para formar uma categoria expandida do mesmo tipo, ou seja, a projeção intermediária *V' quebrou agora mesmo*. Em seguida, *V'* é juntado com o DP *o vaso* para formar o VP.
- (ii) Considerando-se, então, a estrutura causativa (2b), *O homem quebrou o vaso agora mesmo*, supõe-se que, uma vez que a estrutura VP (2a) tenha sido formada, esta é incorporada ao verbo causativo abstrato (o verbo *fazer*), para que (2b) tenha a interpretação semântica semelhante a *O homem fez o vaso quebrar agora mesmo*.
- (iii) O verbo leve (*fazer*) é gerado como núcleo de v° na camada v-VP e é responsável por desencadear o evento da causação. Assim, o verbo *quebrar* perfaz o movimento e alça para se unir a v° abstrato, produzindo uma estrutura como “O homem fez + quebrar o vaso agora mesmo”. A estrutura resultante de *V'* é, então, juntada com o sujeito *o homem*, o qual recebe papel temático de agente (ou causa) pelo verbo causativo, para formar o vP complexo.
- (iv) Posteriormente, o vP estruturado se junta a um INFL abstrato para formar a projeção intermediária *I'* e o sujeito que é gerado (*o homem*) em spec-vP se move para spec-IP para verificar o caso nominativo e, assim, o processo de causativização é completado. Podemos visualizar as estruturas sintáticas de (2a) e (2b) a seguir:



Este processo de causativização, tal como mostrado anteriormente, promove o aumento da valência dos verbos em mais um argumento, de maneira que esse novo argumento passa a ocupar a posição de sujeito na estrutura argumental, e o argumento da construção intransitiva se torna o objeto da versão causativizada.

Pylkkänen (2008), estabelecendo uma teoria que interpreta a decomposição de eventos dos verbos por meio das relações de escopo sintático, argumenta que se pode encontrar situações em que a projeção de Voice ocorre acima de um núcleo CAUSE, de modo que o núcleo Voice não introduz nenhum evento adicional, visto que apenas introduz o argumento externo, relacionando-o ao evento apresentado abaixo pelo predicado CAUSE.

Corroborando a teoria desenvolvida por Pylkkänen (2008) sobre a decomposição de eventos dos verbos causativos, Schafer (2008) representa a decomposição em (3):

- (3) a. John opens the door.
'John abriu a porta.'
- b. [John [Voice [CAUSE [the door OPEN]]]]

Nesse contexto, Schafer (2008, p. 139) conclui, sobre o exemplo citado em (3), que, de fato, "existe um evento *e* (um evento de abertura) e um estado *s* (a porta está aberta) e que o estado não seria verdadeiro se o evento não ocorreu"⁴, reafirmando a relação entre evento da causação e evento causado para designar a causativização.

Pylkkänen (2008) propõe, então, que todas as construções causativas, além de possuírem um núcleo Voice^o, que introduz um argumento externo, devem necessariamente envolver um núcleo v^o_{cause'} cuja função principal é introduzir o subevento da causação, ou seja,

4 No original: "There is an event *e* (an opening event) and a state *s* (the door is open), and that the state would not hold true if the event had not occurred" (SCHAFER, 2008, p. 139).

relacionar o evento da causação com o evento causado. De acordo com essa autora, considera-se a causação como um evento implícito resultante da relação entre dois eventos: o evento da causação (i.e. o causador) e o evento causado.

Desse modo, de acordo com essa proposta, a estrutura argumental das sentenças causativas apresenta uma configuração em que Voice^o e v^o_{cause} podem ser realizados separadamente como núcleos das estruturas causativas.

Conforme explicitado, Pykkänen (2008) propõe um núcleo v^o_{cause} separado de Voice^o. Esses núcleos podem variar em pelo menos duas maneiras quanto às suas realizações de acordo com os parâmetros de cada língua, a saber: i) Voice^o e v^o_{cause} podem ser realizados por núcleos funcionais distintos, em que cada núcleo tem uma projeção própria e, nesse caso, VoiceP introduz um argumento externo, e vP_{cause} promove a semântica causativa da sentença; é o que ocorre com o tenetehára; ii) Voice^o e v^o_{cause} podem ser juntados sincreticamente, ou seja, esses núcleos possuem uma única projeção e, nesse caso, o núcleo causativo exige a presença de um argumento causador.

De acordo com a tipologia estabelecida na literatura gerativista, esse fenômeno da causativização nas línguas distingue três tipos de estruturas causativas, quais sejam: causativa lexical, causativa analítica ou perifrástica e causativa morfológica (COMRIE, 1981). A causativa lexical não apresenta um morfema causativo específico na estrutura morfológica do verbo. A causativa analítica forma sentenças estruturadas por meio de um verbo auxiliar como *fazer* ou *causar* e um verbo lexical. E, por fim, na causativa morfológica, o verbo recebe um morfema causativo para expressar o processo constituído de um evento da causação e um evento causado.

Enfocamos neste trabalho a causativização morfológica na língua tenetehára, dada por meio da associação dos morfemas {*mu-*} e {-(*u*)*kar*} aos verbos. De acordo com Camargos (2013), o prefixo {*mu-*}, em geral, aumenta a valência de verbos intransitivos (inergativos e inacusativos), transformando-os em verbos transitivos. Por sua vez, o sufixo causativo {-(*u*)*kar*} se junta a verbos transitivos, transformando-os em ditransitivos.

Os morfemas {*mu-*} e {-(*u*)*kar*} apresentam variações morfológicas, condicionadas por fatores fonológicos ou morfológicos. Assim, o prefixo {*mu-*} apresenta os alomorfes {*mo-*} e {*m-*}, enquanto o sufixo {-(*u*)*kar*} tem as variações {*-kar*} e {*-ar*}.

2.1 O PROCESSO DE CAUSATIVIZAÇÃO POR MEIO DOS MORFEMAS {*MU-*} E {-(*U*)*KAR*} EM TENETEHÁRA

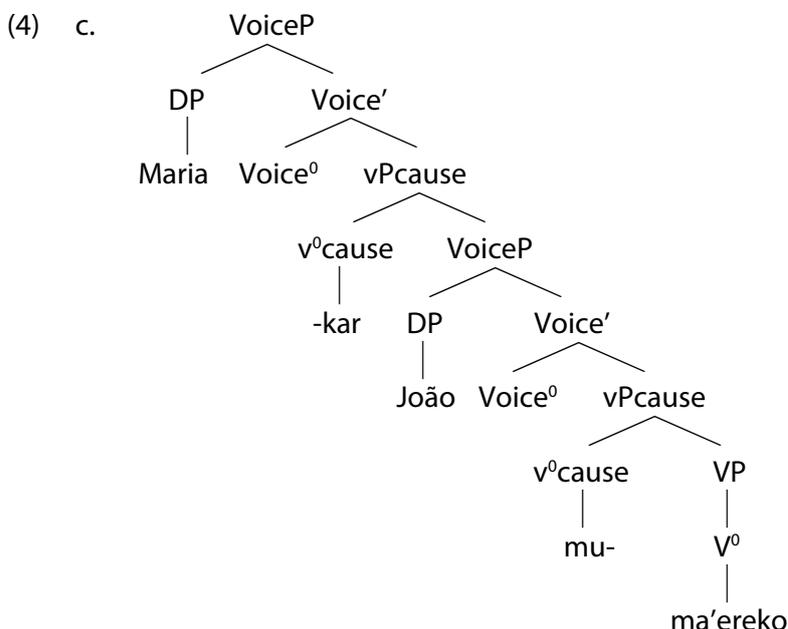
Conforme frisado anteriormente, o morfema {*mu-*} causativiza, de forma direta, verbos inergativos e inacusativos, resultando em verbos transitivos causativos com a significação "causar X".⁵ Todavia, é importante ressaltar que alguns verbos inergativos da língua

5 Conforme Whaley (1997), a causação direta diz respeito à situação na qual as ações do agente (causador) têm impacto direto sobre as ações do participante causado. A causação indireta, por sua vez, está relacionada

tenetehára não podem ser causativizados somente com o morfema causativo {*mu-*}.⁶ É necessário, pois, que a base inergativa seja inicialmente transitivizada pelo causativo {*mu-*}; só depois é possível sua causativização pelo morfema causativo {-(*u*)*kar*}, o qual tem a função de causativizar um evento de forma indireta. Analisemos os exemplos em (4):

- (4) a. *u-ma'ereko Zuàw*
3_{SG}-trabalhar João
'João trabalha.'
- b. *u-mu-ma'ereko-kar Maria Zuàw a'e*⁷
3_{SG}-CAUS-trabalhar-CAUS Maria João ela
'Maria fez João trabalhar.'

A partir do exemplo (4a), observamos que o verbo inergativo *ma'ereko* ('trabalhar') projeta o argumento DP agente *Zuàw* ('João'), mas, no processo de causativização verificado em (4b), esse verbo recebe o prefixo causativo {*mu-*} no núcleo de v^0_{cause} , com a função de transitivizá-lo e desencadear o evento causado. Consequentemente, *ma'ereko* passa a projetar dois argumentos nucleares, o DP *Maria* e o DP *Zuàw*. Como se vê na estrutura sintática em (4c), o novo argumento, o DP *Maria*, é introduzido na posição de sujeito pelo núcleo de VoiceP, recebendo papel temático de agente (causador), e o DP *Zuàw* (o qual era sujeito na estrutura inicial) passa a ocupar a posição de objeto, com papel temático de afetado.



à situação em que um sujeito agente (causador) executa uma ação que indiretamente desencadeia o evento causado, ou seja, as ações do causador não têm impacto direto sobre o participante causado.

6 Ver Duarte (2007) para detalhes sobre outros aspectos da sintaxe da língua tenetehára.

7 Segundo Camargos (2013), na língua tenetehára, os pronomes pessoais — *ihe* ('eu'), *zane* ('nós_{INCLUSIVO}'), *ure* ('nós_{EXCLUSIVO}'), *ne* ('tu'), *pe* ('vós'), *a'e* ('ele/ela') — são introduzidos no final de sentença a fim de retomar os sujeitos de verbos inergativos, inacusativos e transitivos das orações principais, com a função de enfatizá-los.

É possível conferir, nos exemplos em (5), que os dois morfemas $\{mu-\}$ e $\{-kar\}$ afixados em concomitância podem ser, de fato, interpretados como sendo a realização morfológica do núcleo causativo em predicados inergativos. Quando estes não coocorrem, dá-se a agramaticalidade no processo de causativização desses verbos intransitivos.

- (5) a. *u-zegar kwarer a'e*
3_{SG}-cantar menino ele
'O menino cantou.'

(CAMARGOS, 2013, p. 144)

- b. **u-mu-zegar awa kwarer a'e*
3_{SG}-CAUS-cantar homem menino ele
'O homem fez o menino cantar.'

(CAMARGOS, 2013, p. 144)

- c. *u-mu-zegar-kar awa kwarer a'e*
3_{SG}-CAUS-cantar-CAUS homem menino ele
'O homem fez o menino cantar.'

(CAMARGOS, 2013, p. 146)

Conforme vemos nas sentenças precedentes, no processo da derivação propiciada pelo morfema causativo $\{mu-\}$, o sujeito agente do verbo inergativo inicial *kwarer* ('o menino'), em (5a), passa a exercer a função sintática de objeto afetado na sentença exibida em (5c). Segundo Camargos (2013), essa alteração de papel temático deve-se ao processo de causação direta, ou seja, quando um verbo monoeventivo é submetido ao processo de causativização, a ação desencadeada pelo agente (causador) deve estar intrinsecamente ligada ao evento causado e, nesse caso, o DP agente (causador) exerce uma ação que afeta diretamente o DP afetado.

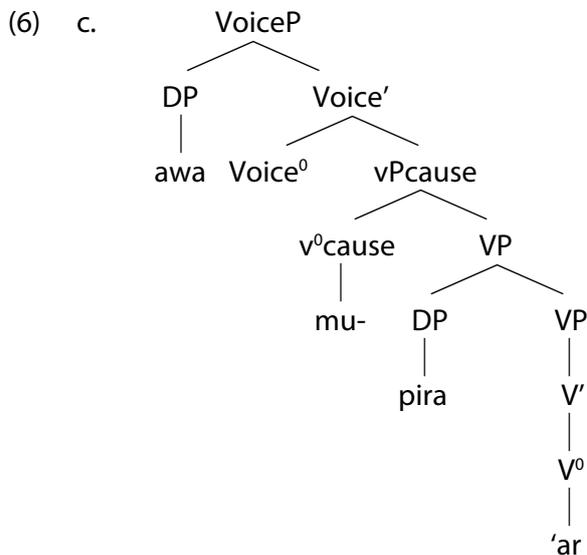
Dessa forma, o verbo *zegar* ('cantar'), em (5c), que projeta o DP agente *kwarer* ('o menino') não pode receber apenas o morfema causativo $\{mu-\}$ como em (5b), visto que esse verbo inergativo barra a causativização direta e, conseqüentemente, torna a sentença agramatical. Nesse caso, devido ao fato de o verbo inergativo possuir em sua configuração interna a projeção VoiceP, a qual introduz um argumento externo agente, fica inviável a causativização por meio do morfema $\{mu-\}$. Isso ocorre porque as ações de um possível DP agente (causador) não podem ter impacto direto sobre o evento causado (complemento de v°_{cause}). É, portanto, a inserção do morfema $\{-ukar\}$ que torna a sentença gramatical em (5c).

Quanto aos verbos inacusativos, esses também são causativizados por meio do morfema $\{mu-\}$ e, nessa situação, os verbos transitivos causativos resultantes dos radicais inacusativos possuem a significação "causar X" na língua tenetehára. Nessa causativização, a ação do agente (causador) está diretamente ligada ao evento causado e, quando esses verbos são causativizados pelo morfema $\{mu-\}$, o processo ocorre de forma direta.

Assim como os inergativos selecionam somente um DP como argumento, os inacusativos também selecionam somente um argumento em posição de sujeito, mas com propriedade de afetado. Por meio do processo de causativização, esses verbos se transitivizam e passam a selecionar mais de um argumento, conforme veremos a seguir:

- (6) a. *u-'ar pira kwez*⁸
3SG-cair peixe PASS
'O peixe caiu.'
- b. *u-mu-'ar awa pira*
3SG-CAUS-cair homem peixe
'O homem fez o peixe cair.'

Na estrutura (6a), analisamos que o verbo inacusativo *'ar* ('cair') seleciona como seu sujeito o DP afetado *pira* ('o peixe'). Em (6b), o predicado inicial recebe o morfema causativo {*mu-*} no núcleo do vP_{cause} , cuja função é desencadear o evento da causação, de forma que o verbo passe a ser transitivo causativo e, em vez de um, são projetados dois argumentos nucleares, *awa* ('o homem') e *pira* ('o peixe'). Na estrutura sintática em (6c), o DP *awa* assume a posição de sujeito com papel temático de agente (causador) alocado em spec-VoiceP, e o DP *pira* passa a ocupar a posição de objeto, com papel temático de afetado.



Podemos observar, contudo, a partir de algumas estruturas elencadas a seguir, que os verbos inacusativos podem apresentar algumas variações quanto ao processo de causativização apresentado anteriormente:

- (7) a. *u-mu-me'e Maria Joana a'e*
3SG-CAUS-acordar Maria Joana ela
'Maria acordou Joana.'

⁸ Ressalta-se que *kwez* = PASS indica o aspecto realizado.

- b. *u-mu-me'e-kar* *Maria Joana a'e*
 3SG-CAUS-acordar-CAUS *Maria Joana ela*
 'Maria acordou Joana.'
- c. *u-mu-me'e* *amàn Joana a'e*
 3SG-CAUS-acordar chuva *Joana ela*
 'A chuva acordou Joana.'
- d. *u-mu-me'e-kar* *amàn Erica a'e*
 3SG-CAUS-acordar-CAUS *chuva Erica ela*
 'A chuva acordou Érica.'
- e. *u-mu-zyzyg-kar* *hakukwer ma'e putyr*
 3SG-CAUS-murchar-CAUS *calor coisa flor*
 'O calor murchou a flor.'

Em (7a) e (7b), o verbo inacusativo *me'e* ('acordar') recebe o morfema causativo {*mu-*}, responsável por transitivizá-lo para que desencadeie o evento da causação. O DP *Maria* assume a função sintática de sujeito com papel temático de agente (causador), e o DP *Joana* assume a função sintática de objeto, com papel temático de afetado. Todavia, na estrutura em (7b), o predicado *me'e* recebe também o morfema {-*kar*}, o que sugere que a causação do evento de acordar dá-se de forma indireta.

Em (7c) e (7d), o DP *amàn* ('a chuva'), com propriedade semântica [-humano], assume a função sintática de sujeito com papel temático de causa (causador), e os DPs *Joana* e *Érica* assumem a função sintática de objetos afetados. E, assim como ocorre em (7b), em (7d) coocorrem os morfemas causativos {*mu-*} e {-*kar*} afixados ao verbo inacusativo *me'e*, o que sugere que a causação do evento dá-se de forma indireta.

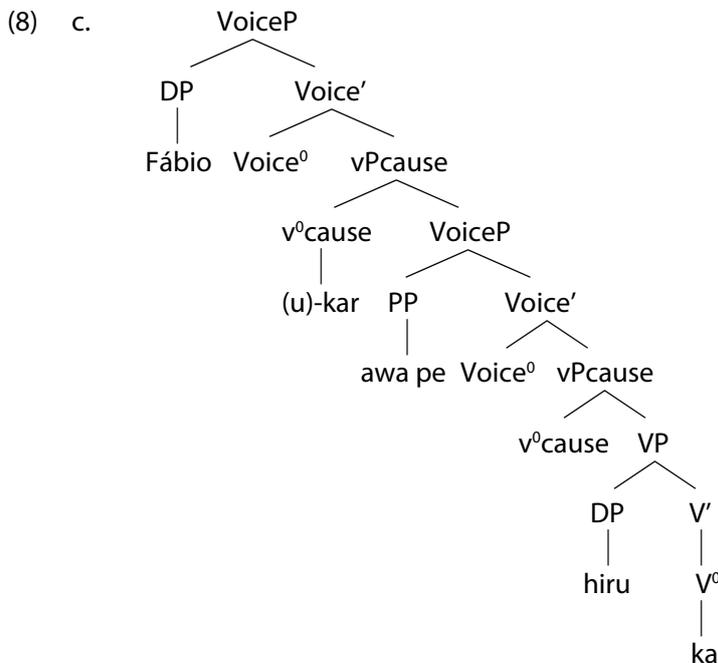
No que tange às observações sobre (7e), temos uma sentença com um verbo inacusativo que exprime mudança de estado. Conforme Schafer (2008), verbos de mudança de estado, como *zyzyg* ('murchar'), são considerados como causados internamente. Nesse caso, a mudança de estado ocorrida no evento está associada a propriedades inerentes do objeto, qual seja, *putyr* ('flor'), que muda de estado. Dessa forma, o DP sujeito com papel temático de causa *hakukwer* ('o calor') não pode causar diretamente o evento de murchar a flor, mas apenas auxiliar nesse processo, ou seja, causará indiretamente. Para que ocorra, assim, o processo de causativização desse predicado, é necessário que ele receba também o morfema causativo {-*(u)kar*}.

O sufixo {-*(u)kar*}, em geral, tem a propriedade de causativizar verbos transitivos, acrescentando um terceiro argumento à estrutura argumental. Semanticamente, a adição do causativo {-*(u)kar*} a radicais transitivos deriva formas com a significação "fazer X", "mandar X" ou "pedir X" na língua tenetehára (CAMARGOS, 2013). Esse morfema introduz o evento da causação, o qual desencadeia o evento causado de forma indireta. Os verbos transitivos

são, assim, considerados verbos de dois lugares, pois selecionam dois argumentos DPs, um externo (sujeito) e outro interno (objeto). Procede-se à análise das sentenças em (8):

- (8) a. *u-ka awa ma'e hiru*
3SG-quebrar homem DET vaso
'O homem quebrou o vaso.'
- b. *u-ka-(u)-kar Fábio ma'e hiru awa pe*
3SG-quebrar-CAUS Fábio DET vaso homem por
'O Fábio fez o homem quebrar o vaso.'

De acordo com a proposta de Camargos (2013), a qual se baseia em instruções a partir de Pyllkänen (2008), o morfema $\{-(u)kar\}$ pode ser interpretado como a manifestação fonológica do núcleo v°_{cause} , o qual tem como função selecionar como complemento um vP fásico, ou seja, uma estrutura que introduz um argumento externo.⁹ Vemos em (7a) que o verbo transitivo *ka* ('quebrar') projeta o argumento externo *awa* ('o homem') e o argumento interno *hiru* ('o vaso'). Nessa estrutura inicial, o DP *awa* ocupa a função sintática de sujeito e o DP *hiru*, a função de objeto. Em (8b), quando ocorre a causativização, o morfema causativo $\{-(u)kar\}$ (que se realiza como núcleo de v°_{cause}) se afixa à base de um verbo estruturalmente transitivo, o qual já licencia um argumento externo, fazendo com que o evento descrito em (8a) seja interpretado como o evento causado. Nesse âmbito, $\{-(u)kar\}$ introduz um evento de causação, projetando um vP fásico com um novo DP agente no núcleo de voiceP, ou seja, *Fábio*. Podemos observar a estrutura sintática em (8c):



⁹ Os vPs fásicos constituem-se de estruturas argumentais completas, incluindo um núcleo Appl^o, o qual introduz um argumento aplicado alto, ou um núcleo Voice^o, responsável por licenciar um argumento externo agente.

Conforme veremos na análise dos dados a seguir, em (9), quando o morfema {*mu-*} é afixado a um verbo de base estrutural transitiva, a sentença será considerada agramatical:

- (9) a. *u-zuka kuzà zapukaz a'e*
 3_{SG}-matar mulher galinha ela
 'A mulher matou a galinha.'

(CAMARGOS, 2013, p. 143)

- b. **u-mu-zuka awa zapukaz kuzà ø-pe a'e*
 3_{SG}-CAUS-matar homem galinha mulher C-por ele
 'O homem fez a mulher matar a galinha.'

(CAMARGOS, 2013, p. 143)

- c. *u-zuka-kar awa zapukaz kuzà ø-pe a'e*
 3_{SG}-matar-CAUS homem galinha mulher C-por ele
 'O homem fez a mulher matar a galinha.'

(CAMARGOS, 2013, p. 144)

No exemplo (9a), o verbo *zuka* ('matar') projeta dois argumentos, quais sejam, o DP agente *kuzà* ('mulher'), com função de sujeito agente, e o DP *zapukaz* ('galinha') com função sintática de objeto. Entretanto, em (9b), a sentença se torna agramatical, pois o processo de causativização dos verbos de base estrutural transitiva em tenetehára não poderia ser realizado por meio da afixação do morfema causativo {*mu-*}, considerando-se que estes verbos projetam argumento externo agente, o qual é licenciado pelo núcleo de VoiceP. Nesse contexto, para que o predicado transitivo *zuka* possa ser causativizado, é necessário que receba o morfema causativo {-(*u*)kar} e não o morfema {*mu-*}, como ocorre em (9c).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfatizamos que o prefixo {*mu-*} transforma verbos intransitivos (inergativos e inacusativos) em transitivos, aumentando, assim, a valência verbal desses predicados de um argumento para dois argumentos, por meio do processo de causativização direta. Quanto ao sufixo {-(*u*)kar}, discutimos que sua propriedade consiste em alterar a valência verbal de verbos transitivos para ditransitivos, possibilitando a seleção de três argumentos, promovendo a causativização indireta.

Essas conclusões já haviam sido feitas em outras pesquisas sobre as estruturas causativas na língua tenetehára, como, por exemplo, em Camargos (2013). Todavia, são necessárias considerações sobre o comportamento sintático dos verbos inacusativos quanto à sua causativização morfológica por meio dos morfemas causativos {*mu-*} e {-(*u*)kar}, quais sejam: i) podem ser causativizados por meio do morfema {*mu-*} de forma direta, com seleção de DP agente e causa; ii) podem ser causativizados por meio da coocorrência dos

referidos morfemas, com seleção de DP agente e causa; ii) os verbos de mudança de estado causados internamente podem ser causativizados por meio da coocorrência de {*mu-*} e {-(*u*)*kar*}, em processo de causação indireta.

Para que cheguemos a conclusões precisas sobre o processo de causativização das estruturas em tenetehára, principalmente quanto aos verbos inacusativos e suas variações possíveis, mais dados precisam ser coletados e analisados exaustivamente, do ponto de vista descritivo e teórico; além disso, devem ser feitos testes com advérbios orientados a agentes ou a vP, entre outros.

REFERÊNCIAS

ADGER, D. *Core Syntax: A minimalist approach*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

CAMARGOS, Quesler Fagundes. *Estruturas causativas em tenetehára: uma abordagem minimalista*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, 2013.

CAMARGOS, Quesler Fagundes. Causativização morfológica na língua tenetehára: análise à luz da estrutura bipartida do VP. *Revele: Revista Virtual dos Estudantes de Letras*, Belo Horizonte – MG, v. 6, p. 1-28, 2013.

COMRIE, Bernard. *Language universals and linguistic typology: syntax and morphology*. Chicago: University of Chicago Press, 1981.

DUARTE, Fábio Bonfim. *Estudos de morfossintaxe Tenetehára*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2007.

DUARTE, Fábio Bonfim; CAMARGOS, Quesler Fagundes. Núcleos causativos na língua Tenetehára: natureza dos complementos selecionados por CAUSE. In: RODRIGUES, Aryon Dall’Igna; CABRAL, Ana Suelly Arruda (org.). *Línguas e Culturas Tupí*. Campinas: Curt Nimuendajú, 2011.

HALE, Ken; KEYSER, Samuel Jay. On argument structure and the lexical expression of syntactic relations. In: HALE, Ken; KEYSER, Samuel Jay (org.). *The view from building 20*. Cambridge Mass.: The MIT Press, 1993.

LARSON, Richard. On the double object construction. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, v. 19, p. 335-391, 1988.

PYLKKÄNEN, Liina. *Introducing Arguments*. Cambridge Mass.: The MIT Press, 2008.

RADFORD, Andrew. *Syntax: a minimalist introduction*. Cambridge Mass.: Cambridge University Press, 1997.

SCHÄFER, Florian. *The syntax of (anti-)causatives: external arguments in change-of-state contexts*. Philadelphia: John Benjamins B.V., 2008.

WHALEY, Lindsay. *Introduction to typology: the unity and diversity of language*. Newbury Park: Sage Publications, 1997.

Squib recebido em 19 de maio de 2020.

Squib aceito em 4 de julho de 2020.



LECTURAS IMPLICATIVAS DE VERBOS MODALES EN FUTURO

CECILIA BÉRTOLA*

RESUMEN

En este *squib* presento datos que muestran que estructuras temporales de futuro en combinación con verbos modales pueden dar lugar a lecturas implicativas. Analizo dos construcciones de futuro con verbos modales: el futuro perifrástico del tipo *ir + a + infinitivo modal* (*voy a tener que*) y verbo modal en futuro simple (*tendré que*), construcciones cuya única interpretación posible es no epistémica. Muestro que, en determinados contextos, estas construcciones dan lugar a lecturas implicativas, lo que supone considerar que bases modales circunstanciales pueden tener una orientación temporal no futura. A partir de datos de la lengua escrita del español del Uruguay, describo este tipo de lecturas y presento los problemas que suscitan en lo que se refiere a la configuración temporal propuesta en la literatura para ambas estructuras de futuro.

Palabras claves: verbos modales, futuro, lecturas implicativas

ABSTRACT

The aim of this squib is to present some data, collected from written Uruguay Spanish, that show that temporal future structures, when combined with modal verbs can give rise to implicative readings. I will analyze the two following constructions: periphrastic future tense of the type *ir + a + infinitivo modal* — ‘go + to + modal infinitive’ — (*voy a tener que* — ‘I will have to’) — and simple future plus modal verb (*tendrá que* — ‘He will have to’). Both structures have only a non-epistemic interpretation. I will show that, under certain contexts, these constructions give rise to implicative readings. This leads me to argue that circumstantial modals can have a non-future temporal orientation. Based on this argument, I will first describe these kinds of structures and then I will present some problems related what the literature has claimed on this kind of temporal configuration.

Keywords: modal verbs, future tense, implicative readings

* Universidad de la República, Udelar, Departamento de Teoría del Lenguaje y Lingüística General. E-mail: cbertoladarosa@gmail.com. Trabajo devenido de observaciones realizadas en Bértola (2019).

1 INTRODUCCIÓN

En este trabajo analizo un tipo particular de lectura que adquieren los verbos modales en dos estructuras de futuro: el futuro simple [MODAL-rá] y el futuro perifrástico [ir+a+MODAL-Inf], ilustradas en (1) y (2), respectivamente.¹

- (1) No, mejor paso a buscarte a tu casa, así podré estar un momento sola contigo.
- (2) En algún momento se nos va a dar y vamos a poder cumplir con nuestro sueño del reencuentro.

Estas estructuras pueden dar lugar a lecturas implicativas, también denominadas *actuality entailment* o lecturas de implicación de realización, que se generan cuando un modal circunstancial (no epistémico) con tiempo pasado/perfecto da lugar a la consecuencia semántica de que el evento tuvo lugar (MATTHEWSON, 2012; LACA, 2019). Estas lecturas se estudiaron principalmente para el pasado (MATTHEWSON, 2012). En este *squib* muestro que existen en estructuras prospectivas. Para describir este fenómeno, en la sección 2 explico la configuración temporal de las estructuras de futuro, en la sección 3, describo las lecturas implicativas, en la sección 4 presento los datos y las preguntas que suscitan estas lecturas y, por último, en la sección 5, hago algunas observaciones finales.

2 CONFIGURACIÓN TEMPORAL DE [MODAL-RÁ] E [IR+A+MODAL-INF]

En el español del Uruguay, las estructuras de futuro analizadas localizan el tiempo del evento (TE) en un momento posterior al tiempo de habla (TH), según la propuesta de Reichenbach (1947). Sin embargo, presentan diferencias. Por un lado, como en otras variedades, la forma -rá, en combinación con cualquier tipo de predicado verbal, da lugar a dos lecturas, como futuro de conjetura² y temporal, ilustradas en (3) y (4), respectivamente:

- (3) a. Juan estará llegando a Roma. ≈ 'Supongo que está llegando (ahora).'
- b. Juan estará llegando a Roma mañana. ≈ 'Supongo que llega a Roma mañana.'
- c. Juan habrá llegado a Roma ayer. ≈ 'Supongo que llegó a Roma ayer.'
- (4) Juan vendrá mañana.

El futuro perifrástico admite dos lecturas: una temporal (5a), en que el tiempo de referencia (TR) es simultáneo al TE, y otra aspectual, equivalente a un presente, (5b), en que el TR es simultáneo al TH; en ambas el TE es posterior al TH (LACA, 2016).

- (5) a. Juan va a venir. ≈ Juan vendrá/Juan va a venir mañana.
- b. Juan va a venir. ≈ Juan va a venir/Juan viene ahora.

¹ En este *squib* trabajo con el español estándar escrito del Uruguay.

² El valor de conjetura que introduce la forma -rá indica incertidumbre respecto de una situación presente (3a), venidera (3b) o pasada (3b).

Para los propósitos de este *squib*, me valgo de la propuesta de Condoravdi (2002), que adapta el modelo de Reichenbach (1947) a los efectos analizar enunciados modalizados, y considera los elementos del cálculo temporal como tiempo de habla (TH), tiempo de la eventualidad descrita (TE) y tiempo de evaluación modal (TEvM). Este último, correlato del TR, constituye el tiempo desde el cual se accede a la base modal. Siguiendo a Kratzer (1981), la base modal permite distinguir las diferentes lecturas de los modales (epistémica/no epistémica); se trata del conjunto de mundos compatibles con las creencias, deseos o reglas del hablante. Depende del mundo de evaluación (se accede a ella desde el TEvM) y está determinada contextualmente. Según la propuesta de Condoravdi (2002), la relación entre TH y TEvM se denomina perspectiva temporal (PT) y la que se establece entre el TEvM y el TE, orientación temporal (OT). Los enunciados modalizados en construcciones de futuro presentan una configuración temporal en que la PT es futura y la OT simultánea (para la perífrasis temporal y el futuro simple), como en (6a) y (6b), y en que la PT es simultánea y la OT futura (para la perífrasis aspectual), como en (7):

- (6) a. Tendrá que venir mañana.
b. Va a tener que venir mañana.
- (7) Va a tener que venir (ahora).

En este trabajo me detengo a analizar las formas de futuro [ir+a+MODAL-Inf] y [MODAL-rá] (no atiendo los casos de futuros de conjetura ni la perífrasis aspectual), que expresan las configuraciones temporales recién expuestas y solo admiten interpretaciones no epistémicas. Me propongo mostrar que estas estructuras reciben lecturas implicativas y reviso algunos problemas que acarrea la aparición de estas lecturas desde el punto de vista de la configuración temporal.

3 LECTURAS IMPLICATIVAS

Las lecturas implicativas son una generalización de las denominadas *actuality entailment* o lecturas de implicación de realización (LACA, 2019). Según Matthewson (2012), quien ha estudiado estas lecturas para los verbos modales en pasado, las implicaciones de realización se dan cuando un modal no epistémico con tiempo pasado/perfecto da lugar a la consecuencia semántica de que el evento tuvo lugar. Este tipo de inferencia es excepcional en verbos modales, ya que normalmente crean contextos no factuales, que “no describen eventos individuales efectivamente acaecidos o estados de cosas presentes, reales o verificados” (RAE-ASALE, 2009, § 20.3ñ). Así, de (8a) no puede inferirse (8b):

- (8) a. Juan podía/debía hacer un viaje.
b. Juan hizo un viaje.

Sin embargo, cuando el modal está en un tiempo perfecto (simple o compuesto), se ha constatado que las oraciones modalizadas presentan una implicación de realización, indicada en (9a) y (9b) mediante la flecha.

- (9) a. Los bancos han debido enfrentar múltiples dificultades. → Los bancos han enfrentado múltiples dificultades.
 b. Esto es todo lo que pude averiguar. → Esto es todo lo que averigüé.

Según Matthewson (2012), entre otros, estas lecturas presentan una configuración temporal en que el TE y el TEvM coinciden (la OT es simultánea). La autora lo ilustra a partir de ejemplos del francés, como (10), en que la habilidad/oportunidad de Jane y el tomar el tren se dan en el mismo momento. Así, para que (10) sea verdad, Jane tuvo que haber tomado el tren en el mundo actual.

- (10) Pour aller au zoo, Jane a pu prendre le train.
 Para ir al zoo Jane poder-PAST-PFV tomar el tren
 'Para ir al zoo Jane pudo tomar el tren.'

(HACQUARD, 2006, p. 13 apud MATTHEWSON, 2012, p. 439)³

A partir de ejemplos del gitksan, Matthewson (2012) sostiene que esta lengua sugiere que existe una correlación entre aspecto prospectivo y ausencia de lecturas de implicación de realización. Estas lecturas representan el único caso en que una base modal circunstancial no tiene orientación temporal futura. Esto se observa en (11), en que el elemento *dim* impone una orientación temporal prospectiva, que imposibilita las lecturas de implicación de realización.⁴

- (11) **da'akhlxw**-y **dim** hahla'alsd-y k'yoots, ii ap nee=dii wil-y
 CIRC.POSS-1SG.II PROSP trabajar-1SG.II ayer y EMPH NEG=CONTR ser-1SG.II
 'Pude trabajar ayer, pero no lo hice.'

(MATTHEWSON, 2012, p. 440)⁵

Por su parte, en las lecturas implicativas el compromiso de una oración que contiene un modal acarrea el compromiso de la oración que se obtiene al suprimir el modal, manteniendo las especificaciones de tiempo y aspecto de la oración original (LACA, 2019). Hasta donde sé, las lecturas implicativas de los verbos modales solo se han estudiado en detalle para los modales en pasado. Sin embargo, en este *squib* doy cuenta de la existencia de estas lecturas en estructuras prospectivas. Para mostrarlo, utilizaré tres criterios que se aplican para determinar la existencia de estas lecturas: (a) el modal puede ser sustituido por un predicado implicativo, *lograr/conseguir* para el verbo *poder* (*Voy a lograr/conseguir x*) o *verse obligado a* para los verbos *tener que* y *deber* (*Voy a verme obligado a x*); (b) los efectos de contradicción que se obtienen al coordinar una oración con la negación de una de sus consecuencias semánticas (*#Voy a poder/tener que pagar los impuestos pero no los voy a pagar*) y (c) los efectos de redundancia que se obtienen al coordinar una oración con una de sus consecuencias semánticas (*#Va a poder/tener que pagar los impuestos y los va a pagar*).

3 A los efectos de este trabajo, traduzco la glosa al español del original en inglés.

4 Para una descripción más detallada, ver Matthewson (2012).

5 A los efectos de este trabajo, traduzco la glosa al español del original en inglés.

En adelante el criterio (b) se presenta como [Mod(p) pero no p] y el (c), [Mod(p) y p]. Las lecturas implicativas, asimismo, están asociadas a un contenido suplementario: la evaluación en términos de deseable o no deseable de la proposición expresada en el complemento del modal por parte de un Agente. Para el verbo *poder* el contenido es del tipo “El Agente prefiere p a \neg p”. Para los verbos *tener que* y *haber que* el contenido es del tipo “El Agente prefiere \neg p a p”, como se observa a continuación:

- (12) Y si lo aprende, va a poder dormir. \approx El agente prefiere dormir a no dormir.
- (13) Van a tener que seguir jugando al juego de la taza: “a las ocho, cada uno para su casa”. \approx El agente prefiere no jugar al juego de la taza que jugar al juego de la taza.

La configuración temporal propuesta para las lecturas de implicación de realización (TH es anterior al TE y TE es simultáneo al TEvM) presenta el mismo tipo de relación entre los elementos del cálculo temporal que las estructuras analizadas, presentadas en (6a) y (6b) y que renumero como (14) y (15), respectivamente:

- (14) Tendrá que venir mañana.
- (15) Va a tener que venir mañana.

En ambas el TE es posterior al TH y el TE es simultáneo al TEvM. En estos casos, el momento desde el que se accede a la base modal (*tendrá* y *va a tener que*) y el momento del evento descrito (*venir mañana*) se dan simultáneamente en el futuro. Esto se corresponde con la configuración que reciben las lecturas implicativas. Sin embargo, de (14) y (15) no es posible inferir *vendrá mañana*. Esto supone la necesidad de revisar la configuración temporal propuesta a luz de construcciones de futuro que sí dan lugar a lecturas implicativas. Cabe notar que, si bien las lecturas implicativas no acarrear necesariamente lecturas de implicación de realización, en ambas el TEvM es simultáneo al TE. Para ilustrar el problema, en lo que sigue, presento evidencia de que los modales en estructuras de futuro pueden dar lugar a lecturas implicativas.

4 ESTRUCTURAS DE FUTURO CON LECTURAS IMPLICATIVAS

En esta sección presento ejemplos (extraídos del *Corpus de Referencia del Español Actual*, de la Real Academia Española) que indican que las construcciones de futuro dan lugar a lecturas implicativas. Para mostrarlo, me valgo de los criterios establecidos para la identificación de lecturas implicativas en contextos de pasado. Se observan lecturas implicativas en estructuras perifrásticas con los modales *tener que* y *poder*, como los de (16) y (17):

- (16) Otra cosa que me llama la atención y de la cual voy a tener que informar a la UCI es la falta de control antidopaje en un país que fue líder en eso.
- (17) Gracias —dijo, seguro de que le hacían un favor—. Desde este momento. No pasa nada en Santa María. [...] me alegro porque dicen que hay mucha pesca. Me alegro por Martín que va a poder jugar al comisario durante una quincena.

En ambos ejemplos, tanto *informar a la UCI* como *jugar al comisario*, respectivamente, se localizan en un momento posterior al momento de enunciación; en ambos, el TE es posterior al TH. Asimismo, ambos se interpretan como lecturas deónticas, no epistémicas, relacionadas con lo prescrito por un conjunto de reglas, y ambos responden a los criterios propuestos para identificar lecturas implicativas. Los dos ejemplos admiten la sustitución por las respectivas paráfrasis con predicados implicativos, como se ve en (18a) y (18b):

- (18) a. Me voy a ver obligado a informar a la UCI.
b. Martín va a lograr/conseguir jugar al comisario durante la quincena.

Además, (16) y (17) arrojan una contradicción en estructuras del tipo [Mod(p) pero no p] y dan lugar a una redundancia en contextos del tipo [Mod(p) y p], como se ve en (19a), (19b) y (20a), (20b), respectivamente:

- (19) a. #Voy a tener que informar a la UCI pero no voy a informar a la UCI.
b. #Martín va a poder jugar al comisario pero no va a jugar al comisario.
(20) a. #Voy a tener que informar a la UCI y voy a informar a la UCI.
b. #Martín va a poder jugar al comisario y va a jugar al comisario.

Ambos ejemplos presentan los contenidos suplementarios asociados a las preferencias del agente mencionados arriba. Así, “El Agente prefiere no informar a la UCI que informar a la UCI”, en (16), y “El Agente prefiere jugar al comisario a no jugar al comisario”, en (17). También presentan lecturas implicativas las estructuras del tipo [MODAL-rá] con el modal *poder*, como se ve en (21) y (22):

- (21) Compruebo, con sorpresa, que no estoy definitivamente excluido, como creía, del mundo: si renuncio a mi amor por Aída, puedo volver a ser social, gregario; podré hablar la lengua común, la del desamor.
(22) No, mejor paso a buscarte a tu casa, así podré estar un momento sola contigo. Llegaré a eso de las seis y media, ¿de acuerdo?

Se trata de oraciones condicionales con valor temporal, si bien en (22) la condicional no está explícita, sino encubierta, con *así* como anafórico del antecedente, y con interpretación no epistémica, asociada con la noción de habilidad. Ambos ejemplos admiten la paráfrasis con predicados implicativos: *lograré/conseguiré hablar la lengua común*, para (21), y *lograré/conseguiré estar un momento sola contigo*, para (22). Además, el criterio [Mod(p) pero no p] arroja una contradicción y [Mod(p) y p], una redundancia para ambos casos, como se observa en (23a) y (23b) y en (24a) y (24b):

- (23) a. #Podré hablar la lengua común, pero no hablaré la lengua común.
b. #Podré estar un momento a solas contigo, pero no estaré un momento a solas contigo.
(24) a. #Podré hablar la lengua común y hablaré la lengua común.
b. #Podré estar un momento a solas contigo, y estaré un momento a solas contigo.

También están asociados al contenido suplementario mencionado anteriormente. Se observa que el Agente prefiere en (21) hablar la lengua común del desamor y en (22), estar a solas con su interlocutor, por eso resultan raras las continuaciones con “pero no quiero”, como se ve en (25a) y (25b):

- (25) a. #Podré hablar la lengua común, pero no quiero hablar la lengua común.
 b. #Podré estar un momento a solas contigo, pero no quiero estar a solas contigo.

Hasta aquí, presenté ejemplos en que tanto la forma [ir+a+MODAL-Inf] como [MODAL-rá] reciben valores temporales de futuro, tienen interpretación modal no epistémica y responden a los criterios que permiten identificar lecturas implicativas. En lo que sigue, me detengo en algunos problemas y preguntas que se desprenden a partir de haber identificado lecturas implicativas en contextos temporales de futuro. Cabe recordar que la configuración temporal propuesta para las estructuras de futuro analizadas suponía considerar que el TH es anterior al TE y el TE es simultáneo al TEvM (la PT es posterior y la OT es simultánea). Asimismo, las lecturas implicativas parecen ser los únicos casos en que una base modal no epistémica tiene una OT simultánea. Partiendo de estos dos presupuestos, y a partir de la identificación de las lecturas implicativas en estructuras de futuro, se observa lo siguiente. En primer lugar, no habría diferencias entre la configuración temporal de las lecturas implicativas y la de las estructuras temporales de futuro (sección 2). En segundo lugar, contextos futuros sin lectura implicativa, como (26) y (27), hacen necesario repensar la configuración temporal para dar cuenta de la relación de posterioridad del TE y el TH y poder diferenciar cuándo se trata de una lectura implicativa de futuro y cuándo de una lectura no implicativa de futuro.

- (26) Este anuncio extraordinario [...] deberá corroborarse mediante estudios futuros, preferiblemente los que se lleven a cabo en la superficie de Marte.
- (27) Por otra parte, Fernández Faingold abrigó esperanzas de que “las bondades de la reforma tendrán que darse en la aplicación de la nueva Constitución”.

El ejemplo (26) contiene un grupo nominal con referencia futura (*estudios futuros*) y la oración de (27), un modificador temporal encabezado por el sintagma preposicional *la aplicación de la nueva Constitución*, que garantizan una orientación prospectiva. De estos ejemplos se observa, por un lado, que las paráfrasis con predicados implicativos parecen arrojar oraciones raras, como se ve en (28a) y (28b):

- (28) a. #Este anuncio extraordinario [...] se verá obligado a corroborarse mediante estudios futuros, preferiblemente los que se lleven a cabo en la superficie de Marte.
 b. #Por otra parte, Fernández Faingold abrigó esperanzas de que “las bondades de la reforma se verán obligadas a quedarse en la aplicación de la nueva Constitución”.

Asimismo, no parecen arrojar de manera clara ni una contradicción ni una redundancia al aplicarse los criterios del tipo [Mod(p) pero no p] y [Mod(p) y p], como se ilustra en (29a) y (29b) y en (30a) y (30b), respectivamente:

- (29) a. Este anuncio extraordinario [...] deberá corroborarse mediante estudios futuros, preferiblemente los que se lleven a cabo en la superficie de Marte, pero no se corroborará mediante estudios futuros.
 b. Por otra parte, Fernández Faingold abrigó esperanzas de que “las bondades de la reforma tendrán que darse en la aplicación de la nueva Constitución”, pero no se darán en la aplicación de la nueva Constitución.
- (30) a. Este anuncio extraordinario [...] deberá corroborarse mediante estudios futuros, preferiblemente los que se lleven a cabo en la superficie de Marte, y se corroborará mediante estudios futuros.
 b. Por otra parte, Fernández Faingold abrigó esperanzas de que “las bondades de la reforma tendrán que darse en la aplicación de la nueva Constitución”, y se darán en la aplicación de la nueva Constitución.

Finalmente, de estos ejemplos no se desprende el contenido suplementario identificado en las lecturas implicativas según el cual, al tratarse de los modales *deber* y *tener que*, el Agente prefiere $\neg p$ a p . No se interpreta en (26) que el Agente prefiere no corroborar el anuncio, ni en (27) que el Agente prefiere que no se den las bondades de la reforma en la aplicación de la nueva Constitución. Así, las estructuras de futuro de (26) y (27) parecerían presentar ausencia de lecturas implicativas. Esto supone la necesidad de revisar el tipo de configuración temporal de las estructuras de futuro, de modo de reflejar aquellos casos en que dan lugar a lecturas implicativas y aquellos que no dan lugar a estas lecturas.

5 OBSERVACIONES FINALES

En este *squib* presenté casos en que construcciones de futuro del tipo [ir+a+MODAL-Inf] y [MODAL-rá] dan lugar a lecturas implicativas. Este tipo de lecturas aparece únicamente en contextos no epistémicos y presentan una configuración en que el TEvM y el TE son simultáneos. Se trata de un tipo particular de estructuras estudiadas principalmente para contextos de pasado en que bases modales no epistémicas presentan una OT no futura. Este tipo de lecturas supone revisar la configuración temporal asociada tanto con el futuro perifrástico como al futuro simple en combinación con verbos modales, a los efectos de dar cuenta de los valores suplementarios que se observan en las lecturas implicativas. La identificación de lecturas implicativas permite confirmar, asimismo, la predicción de Matthewson (2012), según la cual la ausencia de aspecto prospectivo en bases modales circunstanciales arroja lecturas de implicación de realización.

REFERENCIAS

BÉRTOLA, C. *Temporalidad y modalidad: verbos modales en estructuras de futuro simple y futuro perifrástico en el español del Uruguay*. Tesis (Maestría en Gramática del español) – Universidad de la República-Administración Nacional de Educación Pública, Montevideo, 2019.

CONDORAVDI, C. Temporal interpretation of modals: Modals for the present and the past. In: BEAVER, D.; CASILLAS MARTÍNEZ, L.; CLARK, B.; KAUFMANN, S. (ed.). *The Construction of Meaning*. CA: CSLI Publications: Stanford, 2002. p. 59-88.

KRATZER, A. *The notional category of modality*. In: EIKMEYER, H. J.; RIESER, H. (ed.). *Words, Worlds, and Contexts: New Approaches in Word Semantics*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1981. p. 38-74.

LACA, B. On the interaction between modal and aspectual periphrases. *Borealis: An International Journal of Hispanic Linguistics*, v. 8, n. 2, p. 83-109, 2019.

LACA, B. Variación y semántica de los tiempos verbales: el caso del futuro. In: ALMEIDA, B.; BLANCO, A.; GARCÍA, J.; JIMÉNEZ, M.^a D. (ed.). *Investigaciones actuales en lingüística*. Vol. II: Semántica, Lexicología y Morfología. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, servicio de publicaciones, 2017. p. 159-192.

MATTHEWSON, L. On the (non-)future orientation of modals. *Proceedings of Sinn und Bedeutung*. v. 2, n. 16, p. 431-446, 2012.

RAE-ASALE. *Nueva Gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, 2009.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. Banco de datos (CREA) [en línea]. *Corpus de Referencia Del Español Actual*. <http://corpus.rae.es/creanet.html>.

REICHENBACH, H. *Elements of Symbolic Logic*. New York: Macmillan & Co., 1947.

Squib recibido en el 18 de mayo de 2020.

Squib aceptado en el 6 de julio de 2020.



DA IMPORTÂNCIA DAS HIERARQUIAS CARTOGRÁFICAS COMO FERRAMENTAL METODOLÓGICO: O CASO DE *EM X TEMPO*

JOÃO FRANCISCO BERGAMINI-PEREZ*

RESUMO

Este *squib* tem como objetivo principal diagnosticar as possíveis posições que o adjunto temporal de medida *em x tempo* pode vir a ocupar na estrutura sentencial do português brasileiro. Para isso, recorreremos à hierarquia de Cinque (1999) como instrumento para diagnosticar a posição desse sintagma de medida, no espírito da metodologia do Programa Cartográfico (CINQUE, 1999, 2004, 2006; RIZZI, 1997, 2004; entre outros). Veremos que o adjunto *em x tempo* parece ter certa flexibilidade posicional, a depender de sua interpretação, o que pode ser demonstrado se tomarmos os advérbios da hierarquia de Cinque como diagnósticos.

Palavras-chave: adjuntos temporais, cartografia sintática, sintaxe gerativa

ABSTRACT

The main goal of this *squib* is to diagnose the possible positions that the temporal adjunct of measure *in x time* may come to occupy in the structure of the sentence in Brazilian Portuguese. In order to do so, we turn to Cinque's (1999) hierarchy as an instrument to diagnose the position of this adjunct, in the spirit of the Cartographic methodology (CINQUE, 1999, 2004, 2006; RIZZI, 1997, 2004; among others). We will see that the adjunct *in x time* seems to have a positional flexibility, depending on its interpretation, which can be demonstrated if we take the adverbs of Cinque's hierarchy as diagnostics.

Keywords: temporal adjuncts, syntactic cartography, generative syntax

* Universidade Estadual de Campinas, Unicamp. Doutorando em Linguística, *e-mail*: jfbergaminiperez@gmail.com. Esta pesquisa é financiada pela FAPESP (processo 2018/24960-7). LaCaSa — Laboratório de Cartografia Sintática: Pesquisa e Ensino; <https://is.gd/LaCaSaUnicamp>.

1 INTRODUÇÃO

O Programa Cartográfico (CINQUE, 1999, 2004, 2006; RIZZI, 1997, 2004; entre outros), também conhecido como Cartografia Sintática, conta com uma metodologia bastante simples para chegar às sequências funcionais (as hierarquias cartográficas) da oração e de seus sintagmas. Exemplo disso é a hierarquia das diferentes classes de advérbios, válida não só para o português brasileiro (TOSQUI; LONGO, 2003; SANTANA, 2005) como também para as mais diversas línguas do mundo (CINQUE, 1999; RIZZI; CINQUE, 2016). Para isso, o referido programa segue o princípio básico “One feature, one head” (KAYNE, 2005)¹, segundo o qual as categorias do sistema conceitual, sejam elas semânticas ou pragmáticas, são “sintatizáveis” e, portanto, contemplam um núcleo funcional no componente sintático.

Seguindo as metodologias propostas na construção desse programa — e uma delas será discutida mais à frente neste trabalho —, Cinque (1999) propõe uma estrutura rígida formada por diferentes núcleos funcionais na camada, chamada por ele de *Middlefield*, que corresponde ao IP de Chomsky (1986). As projeções dos núcleos funcionais que formam essa camada se dão de maneira hierarquizada e organizada, seguindo, principalmente, um método conhecido como testes de precedência e transitividade.

Por meio desses testes, são feitas combinações de diversos tipos de advérbios (tomados geralmente de dois em dois) — ou mesmo de dois núcleos funcionais — na mesma estrutura sentencial, de maneira que sejam mostradas as possíveis configurações da posição de cada um deles em relação ao outro, gerando, então, posições específicas dedicadas a cada um deles na hierarquia sentencial. Podemos, para fins de exposição desse expediente metodológico, usar o seguinte esquema:

- (i) considerando três tipos de advérbios diferentes: AdvP₁, AdvP₂ e AdvP₃,
- (ii) fazemos a combinação deles dois a dois:
 - a. AdvP₁ > AdvP₂ (precedência)
 - b. *AdvP₂ > AdvP₁ (precedência)
 - c. AdvP₂ > AdvP₃ (precedência)
 - d. *AdvP₃ > AdvP₂ (precedência)
 - e. AdvP₁ > AdvP₃ (transitividade)
 - f. Então: AdvP₁ > AdvP₂ > AdvP₃

Por precedência, em (iia) temos que o AdvP₁ precede o AdvP₂, mas, em (iib), AdvP₂ não precede AdvP₁; em (iic), AdvP₂ precede o AdvP₃, mas, conforme (iid), AdvP₃ não precede AdvP₂; e, por transitividade, em (iie), AdvP₁ precede o AdvP₃. Com isso, temos, em (iif), a posição de cada um dos advérbios em relação ao outro, formando uma estrutura hierarquizada onde cada um deles pode ter somente uma posição aceita em relação ao outro.

1 Tradução: “Um traço, um núcleo”. Como a interpretação dos sintagmas de medida temporais, combinados nas sentenças, é obtida derivacionalmente — ou seja, pela valoração dos traços associados à expressão de medida temporal mediante mecanismos de movimento e soldagem (*Merge*), não se tratando de uma categoria única/primitiva —, o princípio de Kayne é importante, uma vez que determina que cada um dos traços envolvidos seja valorado no curso da derivação, em suas respectivas projeções funcionais.

Considerando o expediente brevemente mostrado anteriormente e os advérbios *provavelmente* (AdvP_{epistemic}), *novamente/de novo* (AdvP_{repetitive}) e *rapidamente* (AdvP_{celerative}), vamos explicitá-lo com as sentenças a seguir:

- (1) O Aeon novamente comeu a ração.
- (2) O Aeon provavelmente novamente comeu a ração.
- (3) *O Aeon novamente provavelmente comeu a ração.
- (4) O Aeon provavelmente comeu a ração de novo.
- (5) *O Aeon de novo comeu a ração provavelmente.

Vemos, nos exemplos (1-5), que o advérbio *provavelmente* (AdvP_{epistemic}) precede o advérbio *novamente/de novo* (AdvP_{repetitive}), independentemente do rearranjo que fizermos na sentença.

- (6) O Aeon rapidamente comeu a ração.
- (7) O Aeon de novo rapidamente comeu a ração.
- (8) ?O Aeon rapidamente de novo comeu a ração.
- (9) O Aeon de novo comeu a ração rapidamente.

Nos exemplos (6-9), vemos que o advérbio *de novo/novamente* (AdvP_{repetitive}) precede o advérbio *rapidamente* (AdvP_{celerative}). Então, por transitividade, haja vista (2-3) e (6-9), é esperado que o advérbio *provavelmente* (AdvP_{epistemic}) preceda o advérbio *rapidamente* (AdvP_{celerative}). Essa previsão se confirma em (10-13):

- (10) O Aeon rapidamente comeu a ração.
- (11) O Aeon provavelmente rapidamente comeu a ração.
- (12) *O Aeon rapidamente provavelmente comeu a ração.
- (13) O Aeon provavelmente comeu a ração rapidamente.

Os exemplos (1-13) ilustram o expediente metodológico dos testes de precedência e transitividade. Combinando os resultados parciais descritos, temos, ao fim, um posicionamento entre esses advérbios:

(iii) *provavelmente* (AdvP_{epistemic}) > *novamente/de novo* (AdvP_{repetitive}) > *rapidamente* (AdvP_{celerative})

Com base sobretudo nesses testes — e estendendo o mesmo raciocínio aos núcleos funcionais —, Cinque (1999) propõe a seguinte hierarquia para o *Middlefield*:

FIGURA 1 — A ESTRUTURA DO MIDDLEFIELD DE CINQUE (1999)

AdvP _{speech act} (frankly,...)	Mod _{speech act}
AdvP _{evaluative} (oddly,...)	Mod _{evaluative}
AdvP _{evidential} (allegedly,...)	Mod _{evidential}
AdvP _{epistemic} (probably,...)	Mod _{epistemic}
AdvP _{past/future} (then,...)	Tense _{past/future}
AdvP _{necessity} (necessarily,...)	Mod _{necessity}
AdvP _{possibility} (possibly,...)	Mod _{possibility}
AdvP _{habitual} (usually,...)	Aspect _{habitual}
AdvP _{delayed} (finally,...)	Aspect _{delayed}
Aspect _{predispositional} (tendentially,...)	Aspect _{predispositional}
AdvP _{repetitive} (again,...)	Aspect _{repetitive}
AdvP _{frequentative} (frequently,...)	Aspect _{frequentative}
AdvP _{volition} (willingly,...)	Mod _{volition}
AdvP _{celerative} (quickly,...)	Aspect _{celerative}
AdvP _{anterior} (already)	Tense _{anterior}
AdvP _{terminative} (no longer,...)	Aspect _{terminative}
AdvP _{continuative} (still,...)	Aspect _{continuative}
AdvP _{continuous} (always,...)	Aspect _{continuous}
AdvP _{retrospective} (just,...)	Aspect _{retrospective}
Aspect _{proximative} (soon,...)	Aspect _{proximative}
AdvP _{durative} (briefly,...)	Aspect _{durative}
AdvP _{prospective} (imminently,...)	Aspect _{prospective}
AdvP _{obligation} (obligatorily,...)	Mod _{obligation}
AdvP _{frustrative} (in vain,...)	Aspect _{frustrative}
AdvP _{completive} (partially,...)	Aspect _{completive}
AdvP _{manner} (well,...)	Voice _{passive}
	Verb

Fonte: adaptado de Rizzi e Cinque (2016, p. 150).

Por considerar que os advérbios apresentam posições rígidas como especificadores dos núcleos funcionais correspondentes, o que gera a estrutura dada pela Figura 1, Cinque sugere que, quando os advérbios se combinam na estrutura sentencial, eles obrigatoriamente estarão organizados de acordo com a hierarquia mostrada. Isto é, na história da derivação, se dois ou mais advérbios da Figura 1 estiverem presentes na numeração, será soldado (*Merged*) pela primeira vez (soldagem externa) o advérbio mais baixo, de forma a respeitar a hierarquia da Figura 1, naturalmente considerada de baixo para cima. Assim, por exemplo, para derivar (2), sentença apresentada anteriormente, entrará na derivação primeiramente o advérbio *novamente*, por ser mais baixo; *provavelmente* será soldado bem depois. As hierarquias cartográficas servem, portanto, como “relógios” a serem consultados para a soldagem de elementos/categorias funcionais (cf. TESCARI NETO, 2019, p. 29).

Contudo, considerando-se os adjuntos temporais de medida do tipo de *em x tempo* do português brasileiro (BASSO, 2007, 2011; BASSO; PIRES DE OLIVEIRA, 2010; BASSO; BERGAMINI-PEREZ, 2016; BERGAMINI-PEREZ, 2019), uma inquietação surge: se os advérbios estão

sintaticamente organizados entre si de acordo com uma estrutura rígida dada pela Figura 1, seria plausível pensar que os adjuntos temporais de medida deveriam também se ordenar rigidamente quanto aos outros advérbios da figura, contando com uma posição dedicada a eles, de acordo com a sua semântica? Com o objetivo de solucionar tal questionamento, podemos tomar o teste de posicionamento — isto é, um expediente que testa a posição de determinado item em relação aos advérbios da hierarquia da Figura 1, ao combinar o item cuja posição se quer testar com um ou mais adjuntos dessa figura — para entender se os adjuntos temporais de medida terão uma posição fixa em relação aos advérbios da Figura 1 ou se, assim como o V (ou mesmo VP, em caso de movimento sintagmático do verbo (TESCARI NETO, 2013)), movimentam-se por entre os advérbios do *Middlefield*.

2 EM X TEMPO E O MIDDLEFIELD

Um dos adjuntos temporais de medida mais estudados na literatura é o adjunto *em x tempo*, pois, com base nos diversos estudos tempo-aspectuais na literatura de base, esse adjunto parece apresentar seus traços semânticos bem delineados, o que possibilita entender a sua contribuição na sentença em que está combinado, como podemos ver nos exemplos a seguir:

- (14) A Ada destruiu o brinquedo novo em 15 minutos.²
- (15) O mecânico trocou o pneu da moto em 20 minutos.
- (16) A Paula organizou os livros em 1 hora.

Nas sentenças (14-16), temos que o adjunto temporal de medida reforça o ponto final do evento denotado pelo VP. Isso equivale a dizer que o evento é télico e seu fim é marcado pelo adjunto temporal.³

Chamaremos essa posição do adjunto temporal no final da sentença de *posição default*, isto é, o local na sentença em que é esperado que ele se encontre. Contudo, o referido adjunto pode estar em outras posições além dessa, como podemos atestar a seguir:

- (17) A Ada destruiu **em 15 minutos** o brinquedo novo.
- (18) O mecânico trocou **em 20 minutos** o pneu da moto.
- (19) A Paula organizou **em 1 hora** os livros.

2 É importante salientar que não estamos, neste *squib*, considerando os traços acionais vinculados a cada um dos diferentes tipos de evento denotados em cada exemplo. O objetivo principal deste breve trabalho é somente mostrar de que maneira o adjunto temporal pode posicionar-se na estrutura da sentença.

3 Para leituras mais aprofundadas a respeito dos diferentes tipos de evento, bem como a combinação e contribuição dos adjuntos temporais de medida, recomendamos: Vendler (1957), Rothstein (2004), Basso (2007), Basso e Pires de Oliveira (2010), Basso e Bergamini-Perez (2016), entre outros.

- (20) A Ada **em 15 minutos** destruiu o brinquedo novo.
- (21) O mecânico **em 20 minutos** trocou o pneu da moto.
- (22) A Paula **em 1 hora** organizou os livros.
- (23) **Em 15 minutos** a Ada destruiu o brinquedo novo.
- (24) **Em 20 minutos** o mecânico trocou o pneu da moto.
- (25) **Em 1 hora** a Paula organizou os livros.

Mesmo que outras interpretações para a sentença sejam viabilizadas com a modificação do posicionamento de *em x tempo* na estrutura, como em (21) — em que podemos ter tanto a interpretação télica já esperada quanto a interpretação incoativa⁴ —, vemos que o adjunto temporal pode posicionar-se em diferentes locais na sentença. Contudo, para tentarmos responder à inquietação mostrada na seção anterior, precisamos combinar o adjunto temporal com outros advérbios e testar o posicionamento de cada um deles.

Como início, vamos considerar o advérbio baixo *obrigatoriamente* (AdvP_{obligation}) na estrutura dada por Cinque (1999), como mostrado na Figura 1.

- (26) a. O mecânico *obrigatoriamente* trocou o pneu da moto **em 20 minutos**.
- b. O mecânico *obrigatoriamente* trocou **em 20 minutos** o pneu da moto.
- c. O mecânico *obrigatoriamente* **em 20 minutos** trocou o pneu da moto.
- d. O mecânico **em 20 minutos** *obrigatoriamente* trocou o pneu da moto.
- e. **Em 20 minutos** o mecânico *obrigatoriamente* trocou o pneu da moto.

Como podemos ver nos exemplos anteriores, (26a) a (26e), o adjunto *em 20 minutos* e o advérbio *obrigatoriamente* podem ser combinados em qualquer posição (um em relação ao outro), que não será afetada a interpretação da sentença.

Vamos considerar, agora, um advérbio um pouco mais alto na estrutura hierárquica: o advérbio *sempre* (AdvP_{continuous}). É preciso pontuar que a escolha por selecionar advérbios cada vez mais altos na estrutura hierárquica de Cinque se justifica pela possibilidade de podermos avaliar se o adjunto *em x tempo* tem um “limite” de subida na estrutura do *Middlefield*, ou seja, se, em algum momento, uma vez combinado com algum advérbio mais alto, temos agramaticalidade.

4 A interpretação incoativa é a aquela na qual o evento denotado pelo VP levou o tempo dado pelo adjunto tempo para iniciar. Por exemplo, na sentença (21), uma boa paráfrase seria *O mecânico levou 20 minutos para começar a trocar o pneu da moto*. Para uma leitura mais aprofundada sobre as diferentes interpretações possíveis na combinação de eventos com os adjuntos temporais, recomendamos os trabalhos de Basso (2007), Basso e Pires de Oliveira (2010), Basso (2011), Basso e Bergamini-Perez (2016), entre outros.

- (27) a. A Ada *sempre* destruiu o brinquedo novo **em 15 minutos**.
 b. A Ada *sempre* destruiu **em 15 minutos** o brinquedo novo.
 c. A Ada *sempre* **em 15 minutos** destruiu o brinquedo novo.⁵
 d. A Ada **em 15 minutos** *sempre* destruiu o brinquedo novo.
 e. **Em 15 minutos** a Ada *sempre* destruiu o brinquedo novo.

Como em (26a) a (26e), os exemplos (27a) a (27e) nos mostram que o adjunto temporal pode combinar-se com o advérbio *sempre* em diferentes posições na sentença, sem alterar a sua possibilidade de interpretação.

Tomemos agora o advérbio *rapidamente* (AdvP_{celerative}).

- (28) a. A Paula *rapidamente* organizou os livros **em 1 hora**.
 b. A Paula *rapidamente* organizou **em 1 hora** os livros.
 c. A Paula *rapidamente* **em 1 hora** organizou os livros.
 d. A Paula **em 1 hora** *rapidamente* organizou os livros.
 e. **Em 1 hora** a Paula *rapidamente* organizou os livros.

Como para os exemplos anteriores (26) e (27), vemos, em (28a) a (28e), que o adjunto temporal e o advérbio *rapidamente* podem ser combinados em diferentes posições um em relação ao outro.

Por fim, vamos considerar o advérbio alto *provavelmente* (AdvP_{epistemic}).

- (29) a. O mecânico *provavelmente* trocou o pneu da moto **em 20 minutos**.
 b. O mecânico *provavelmente* trocou **em 20 minutos** o pneu da moto.
 c. O mecânico *provavelmente* **em 20 minutos** trocou o pneu da moto.
 d. O mecânico **em 20 minutos** *provavelmente* trocou o pneu da moto.
 e. **Em 20 minutos** o mecânico *provavelmente* trocou o pneu da moto.

Como podemos ver nos exemplos (29a) a (29e), o adjunto temporal de medida *em x tempo*, quando combinado com o advérbio alto *provavelmente*, não gerou sentenças agramaticais. Contudo, é interessante ressaltar que, mesmo que a combinação desses dois itens na estrutura sentencial não tenha gerado agramaticalidade, temos que notar uma

⁵ Um dos pareceristas, ao qual agradeço pelas importantes observações feitas, destacou que a sentença (27c), em sua concepção, seria melhor interpretada com o uso de pausas entre os adjuntos destacados. Tal sugestão será considerada em investigações futuras, ainda no âmbito do projeto FAPESP em que o texto deste *squib* se insere. Será também considerada a combinação do adjunto temporal *em x tempo* em construções com sintagmas mais complexos, como o sintagma *menos de*, que aparece na expressão *em menos de 4 meses*, por exemplo, em *A Nuit definitivamente construiu a casa de campo dos pais em menos de 4 meses*. Essa investigação se faz necessária porque, com a referida combinação na frase em questão, parece que a finalização do evento ocorre sempre antes do limite dado pelo sintagma de medida, ou seja, não é mais dado o ponto exato de término do evento denotado pelo predicado verbal, mas sim de um limite máximo que não é alcançado, como podemos ver também em *O Turing ganhou o jogo em menos de duas horas*. Além disso, sentenças em que o adjunto temporal se posiciona dentro da projeção nominal, como no próximo exemplo, parecem estranhas: *? A Nuit definitivamente construiu a casa em menos de 4 meses de campo dos pais*. Tais questões ainda precisam ser investigadas de maneira mais aprofundada e serão consideradas no decorrer do trabalho a que este *squib* está vinculado.

modificação importante na interpretação de cada um deles na sentença. Vemos que, nos exemplos (29d) e (29e), houve uma modificação no escopo do adjunto (*em x tempo*) e do advérbio: o advérbio *provavelmente* reforça a possibilidade ou não de o evento *trocar o pneu da moto* ter ocorrido; por sua vez, o adjunto temporal *em 20 minutos* parece reforçar uma leitura incoativa do sintagma inteiro [provavelmente trocou o pneu da moto] e não mais se relaciona ao tempo que ocorreu o evento *trocar o pneu da moto*. De maneira diferente, nos exemplos (29a) a (29c), o adjunto temporal *em 20 minutos* está diretamente relacionado ao tempo do evento denotado por *trocar o pneu da moto* e, no que lhe concerne, o advérbio alto *provavelmente* se relaciona com a possibilidade ou não de o mecânico ter trocado o pneu da moto em 20 minutos.⁶

Com isso, mesmo que não tenhamos nos aprofundado em análises concernentes à representação da subida de *em x tempo* na hierarquia do *Middlefield*, vemos que o adjunto temporal de medida *em x tempo* pode ter os limites máximos de sua posição de pouso detectados se recorrermos aos advérbios da hierarquia de Cinque (1999).

3 CONCLUSÃO

Como mostrado anteriormente, a maneira como o adjunto temporal de medida pode posicionar-se na sentença e as possíveis modificações na sua interpretação causadas por essa flexibilidade ainda são um campo muito abrangente para análises linguísticas.

Contudo, como vimos aqui neste *squib*, tomar as diferentes posições da hierarquia do *Middlefield* proposta por Cinque (1999) como diagnósticos para a subida de adjuntos temporais por entre as posições da hierarquia cartográfica parece ser um instrumento bastante promissor.

⁶ Não iremos nos aprofundar nas questões semânticas e pragmáticas envolvidas nos exemplos; contudo, é interessante pontuar que tais modificações nesses níveis de análise linguística existem e são importantes na condução de uma boa prática de análise linguística.

REFERÊNCIAS

BASSO, R. *Telecidade e detelicização: semântica e pragmática do domínio tempo-aspectual*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, 2007.

BASSO, R. M.; PIRES DE OLIVEIRA, R. 'em X tempo' e 'por X tempo' no domínio tempo-aspectual. *Revista Letras*, Curitiba, v. 81, p. 77-97, 2010.

BASSO, R. M. Uma proposta para Semântica dos adjuntos 'em X tempo' e 'por X tempo'. *Alfa*, São Paulo, v. 55, n. 1, p. 113-134, 2011.

BASSO, R. M.; BERGAMINI-PEREZ, J. F. Adjuntos temporais e measure phrases: uma proposta semântica. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 58, n. 2, p. 345-367, 2016.

BERGAMINI-PEREZ, J. F. *A semântica dos adjuntos temporais: uma proposta de análise com a semântica de vetores*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de São Carlos, 2019.

CINQUE, G. *Adverbs and Functional Heads: a Cross-Linguistic perspective*. Venezia: Centro Linguistico Interfacoltà, Università degli studi di Venezia, 1997.

CINQUE, G. *Adverbs and Functional Heads: A Cross-linguistic Perspective*. New York: OUP, 1999.

CINQUE, G. Issues in adverbial syntax. *Lingua*, v. 114, n. 6, p. 683-710, 2004.

CINQUE, G. *Restructuring and Functional Heads*. v. 4. New York: OUP, 2006.

CHOMSKY, N. *Barriers*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1986.

KAYNE, R. S. *Movement and Silence*. New York: Oxford University Press, 2005.

RIZZI, L. The Fine Structure of Left Periphery. In: HAEGMAN, L. (ed.). *Elements of Grammar*. Dordrecht: Kluwer Academic Publisher, 1997. p. 281-337.

RIZZI, L. Locality and Left Periphery. In: BELLETTI, A. (ed.). *Structures and Beyond: The Cartography of Syntactic Structures*. v. 3. New York/Oxford: Oxford University Press, 2004. p. 223-251.

RIZZI, L.; CINQUE, G. Functional Categories and Syntactic Theory. *Annual Review of Linguistics*, v. 2, p. 139-163, 2016.

ROTHSTEIN, S. *Structuring Events: A Study in the Semantics of Lexical Aspect*. Malden: Blackwell Publishing Ltd., 2004.

SANTANA, M. S. *A Sintaxe do Advérbio*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

TESCARI NETO. *On Verb Movement in Brazilian Portuguese: A Cartographic Study*. Tesi (Dottorato di Ricerca in Scienze del Linguaggio) – Università Ca’Foscari di Venezia, 2013.

TESCARI NETO, A. Falhas de transitividade são falhas de análise. *REVISTA LINGUÍSTICA*, v. 15, p. 21-42, 2019.

TOSQUI, P.; LONGO, B. A distribuição dos advérbios modalizadores na sentença: uma análise de base gerativa. *Alfa*, v. 47, n. 1, p. 85-97, 2003.

VENDLER, Z. Verbs and Times. *Philosophical Review*, p. 143-160, 1957.

Squib recebido em 18 de maio de 2020.

Squib aceito em 14 de julho de 2020.



ARTIGOS

ARTIGOS

ARTIGOS





ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A SINTAXE DAS INTERROGATIVAS INDIRETAS ENCOBERTAS DO PORTUGUÊS DO BRASIL

PAULO MEDEIROS JUNIOR*

RESUMO

Interrogativas indiretas encobertas em português brasileiro (PB) são frases interrogativas encaixadas que não apresentam (pelo menos aparentemente) a estrutura de uma construção interrogativa canônica com o frontamento do sintagma-wh (ALVARENGA, 1981a, 1981b). Em geral, considera-se que sentenças desse tipo sejam constituídas de um DP/NP seguido de uma frase relativa. Neste trabalho, entretanto, proponho que tais construções (apesar das aparências) apresentam estrutura semelhante à de qualquer interrogativa canônica, com o deslocamento de sintagma interrogativo. A proposta que aqui se constrói é que o DP/NP que inicia as sentenças encaixadas desse tipo é, na verdade, um sintagma-wh encabeçado por um operador-wh nulo e ocupa a posição de Spec, Q_{emb} (RIZZI; BOCCI, 2017); com isso, atinge-se uma análise unificada para as interrogativas encaixadas do PB. Fica em aberto, entretanto, a questão de que essa hipótese não consegue explicar por que efeitos de ilha de extração são observados nesse tipo de dado, o que pode sugerir que há de fato uma relativa na oração encaixada.

Palavras-chave: interrogativa indireta encoberta, operador-wh nulo, cartografia

ABSTRACT

Brazilian Portuguese concealed questions are embedded interrogative sentences that lack (at least apparently) the structure of a canonical interrogative sentence with wh-fronting (see Alvarenga (1981a; 1981b)). This kind of construction tends to be analyzed as containing a DP/NP followed by a relative clause. In this paper, though, I propose that these constructions (despite appearances) exhibit a structure which is similar to any other canonical embedded question. The idea addressed here is that the DP/NP initiating these sentences is in fact a wh-phrase headed by a null wh-operator occupying the specifier of a Q_{emb} projection (see Rizzi and Bocci (2017)); with this approach, one can reach a unified analysis for embedded questions in Brazilian Portuguese. This hypothesis, however, fails to explain the island effects observed in such constructions, what might be a suggestion that there is in fact a relative clause within the embedded sentence.

Keywords: concealed question, null wh-operator, cartography

* Universidade de Brasília, UnB. Professor Adjunto do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da UnB, nos níveis de graduação e pós-graduação, *e-mail*: medeirosjunior@unb.br. Quero agradecer aos revisores anônimos que, com seus preciosos comentários, contribuíram enormemente para os desenvolvimentos e as reflexões finais deste texto; assumo, é óbvio, a responsabilidade por todas as ideias que desenvolvo aqui.

1 INTRODUÇÃO

Do ponto de vista pragmático, uma pergunta é uma requisição por informação. Do ponto de vista estrutural, a caracterização do que se conhece como frase interrogativa apresenta necessariamente operações sintáticas específicas que a definem como tal.

Alvarenga (1981a; 1981b) institui um debate sobre uma possível confusão que se faça entre os termos *pergunta* e *interrogativa*. Para esse autor, o primeiro tem aporte semântico (uma pergunta é uma requisição por informação), enquanto o segundo contém noção sintática (um tipo de construção específica obtida por meio de uma operação sintática como o movimento-wh, por exemplo).¹ Não vou adentrar em profundidade nessa discussão, por entender que ela se encontra além do escopo deste artigo. Todavia, vai interessar-me aqui o contraste que pode haver entre essas duas noções quando se leva em consideração o tipo de construção sintática que aqui analisarei, a saber, as interrogativas indiretas encobertas (as *concealed questions*).

Entende-se que, em (1) e (2), a seguir, constroem-se pedidos de informação: em (1), indaga-se acerca da data da mudança de alguém; em (2), solicita-se informação sobre a identidade de determinada pessoa que a Maria encontrou no parque:

- (1) a. Quando_i vocês vão se mudar t_i?
b. Vocês vão se mudar quando?
- (2) a. Eu quero saber [quem_i a Maria encontrou t_i no parque].
b. *Eu quero saber [a Maria encontrou quem no parque].

Em (1a), constitui-se o que se denomina interrogativa raiz (ou interrogativa direta); em (2a), vemos a constituição de uma interrogativa encaixada. Se observamos com atenção, veremos que, para a constituição de ambas as sentenças, aplica-se a operação sintática conhecida como movimento-wh, que se supõe afetar a constituição sintática de frases interrogativas (CHOMSKY, 1977; CHENG, 1991). É importante notar que, no PB, o movimento de palavra-wh é obrigatório em (2), mas optativo em (1), como mostram os dados em (1b) e (2b).

Além das orações interrogativas apresentadas anteriormente, o português do Brasil apresenta ainda outros tipos de frases interrogativas, como as que encontramos em (3) e (4), a seguir:

- (3) Você vai à festa hoje?²
- (4) Eu quero saber [a pesquisa que você faz].

Em (3), temos uma interrogativa que não se constitui (pelo menos não visivelmente) com a aplicação de uma operação sintática como a que afeta (1) e (2); trata-se de uma

1 Essa discussão é originalmente instituída em Macambira (1998), no capítulo intitulado “Estrutura da Oração Interrogativa”. Remeto o leitor à avaliação detida desse capítulo para maiores detalhes.

2 É importante notar que (3) constitui uma pergunta do tipo sim/não, uma interrogativa polar, diferente das interrogativas-wh como (1) e (2). Para uma leitura sobre essas construções, remeto o leitor a Bianchi e Cruschina (2016).

interrogativa gerada por meio de recursos prosódicos, isto é, por meio de uma entonação final ascendente, mas não há, por exemplo, a presença de um constituinte interrogativo, como se vê claramente em (1) e (2). Já em (4), temos (entre colchetes) o tipo de sentença que será posto em discussão aqui: a chamada interrogativa indireta encoberta.

Neste artigo, pretendo discutir, à luz da proposta cartográfica de Rizzi (1997 e outros), a sintaxe das orações como a que aparece entre colchetes em (4), referidas na literatura como interrogativas indiretas encobertas (ALVARENGA, 1981a, 1981b; AMARAL; MEDEIROS JUNIOR, 2017;³ AMARAL; LUNGUINHO, 2017).

A questão que se coloca acerca da oração entre colchetes em (4) é a seguinte: o predicado da matriz em (4) anuncia claramente uma requisição por informação, mas como tomar a sentença encaixada por interrogativa, se não vemos aí a aplicação de uma operação sintática específica (a saber, o movimento-wh), que a identifique como tal? Ademais, o que se vê entre colchetes em (4) se parece muito mais com uma construção que contém um DP (*a pesquisa*) seguido de uma oração relativa (*que você faz*). Em face dessas questões, pergunta-se: 1) é possível manter a designação “interrogativa” para a subordinada em questão? 2) Qual a sintaxe (derivação e estrutura) desse tipo de sentença encaixada? No presente trabalho, procurarei prover respostas para essas questões, embora, ao final, um questionamento sobre tais estruturas ainda se mantenha em aberto, dadas algumas das evidências empíricas observadas nos dados.

O artigo se estrutura da seguinte maneira: na seção 2, constrói-se uma avaliação de interrogativas indiretas e suas propriedades sintáticas e discute-se a cartografia sintática. Na seção 3, colocam-se em foco especificamente as interrogativas indiretas encobertas e a proposta de análise do presente artigo. Na seção 4, tecem-se as considerações finais.

2 AVALIANDO AS INTERROGATIVAS INDIRETAS

É importante começar por avaliar a estrutura das interrogativas indiretas no português, na tentativa de se atingir uma descrição mais apropriada das construções que ponho em análise no presente artigo. Nas subseções a seguir, portanto, delineio um pouco dessa análise.

2.1 O QUE CARACTERIZA INTERROGATIVAS/PERGUNTAS INDIRETAS

Macambira (1998) propõe que a interrogativa indireta se caracteriza por constituir sentença em que a pergunta recai sobre todo o conteúdo da oração subordinada e não apenas sobre um de seus elementos. Assim sendo, em “Não sei se o povo tem razão” (MACAMBIRA, 1998, p. 218), a pergunta aqui tem escopo sobre o verbo (ou seja, o núcleo da oração) e não sobre o *povo* ou *razão*.

³ As ideias debatidas em Amaral e Medeiros Junior (2017) foram resultado da orientação de um projeto de iniciação científica desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica na Universidade de Brasília entre 2016 e 2017. As ideias originalmente apresentadas no relatório final do projeto foram desenvolvidas pela aluna Letícia de Castro do Amaral em seu trabalho de conclusão de curso sob a orientação do professor Marcus Vinícius Lunguinho no ano de 2017 (AMARAL; LUNGUINHO, 2017).

Macambira separa interrogativas indiretas totais de parciais, propondo que há uma distinção entre a subordinada do período mencionado (interrogativa indireta total) e a que se encontra em “Descubra onde guardei o tesouro” (MACAMBIRA, 1998, p. 230), para ele, uma interrogativa indireta parcial. A argumentação é a de que, do ponto de vista semântico, a primeira permite uma resposta do tipo sim/não, o que não se observa em relação a “onde guardei o tesouro”. Esse autor já aponta a questão da distinção entre pergunta, algo de natureza eminentemente semântica, e interrogativa, algo que leva esse nome se considerarmos sua sintaxe.

Alvarenga (1981b), por sua vez, propõe que é preciso entender que interrogativas indiretas são caracterizadas, inicialmente, com base em três questões básicas:

- (i) o tipo de verbo na matriz, que seleciona a oração encaixada;
- (ii) o tipo de complemento que se une a esse verbo;
- (iii) o tipo de conectivo (claro ou subentendido) que liga esse complemento ao verbo mais alto.

(ALVARENGA, 1981b, p. 120)

A ideia presente em (i) é a de que o verbo na oração matriz precisa conter uma semântica específica, a saber, um verbo que possa selecionar uma oração que contém uma pergunta. Assim, de acordo com (i), entende-se que verbos do tipo de *perguntar*, *indagar*, ou a perífrase *querer saber* necessariamente selecionam interrogativas encaixadas:

- (5) a. Ele perguntou quantos anos ela tem.
- b. O João indagou quando eles poderiam sair.
- c. Todos querem saber o que aconteceu naquele dia.

O que se propõe com (ii) é que o tipo de complemento do verbo matriz precisa ser de um tipo específico, a saber, de natureza oracional; isto é, o complemento associado ao verbo matriz precisa necessariamente ser uma oração, e uma oração que contenha uma requisição por informação:

- (6) a. O pai perguntou ao filho [o que ele quer].
- b. Eles indagaram [quantos seriam convidados].
- c. Nós queremos saber [quem responderá por esta bagunça].

Com base em (iii), um conectivo de natureza interrogativa precisa introduzir tais construções para que elas sejam interpretadas, finalmente, como sentenças que constituem uma interrogação:

- (7) a. *O pai perguntou o filho quer.
- b. O pai perguntou [o que] o filho quer.

- (8) a. *Eles indagaram seriam convidados.
b. Eles indagaram [quantos/se] seriam convidados.
- (9) a. *Nós queremos saber ele responderá por esta bagunça.
b. Nós queremos saber [se] ele responderá por esta bagunça.

Assim sendo, segundo essa visão, Alvarenga (1981b) propõe que a caracterização de orações interrogativas indiretas se reduz a dois pontos cruciais:

1. o verbo da matriz precisa ter um objeto oracional;
2. esse objeto precisa ser introduzido por um pronome interrogativo.

Alvarenga (1981a) propõe, ainda, um teste sintático para identificar sentenças interrogativas em português, a saber, a inserção da expressão *é que* clivando o constituinte interrogativo; para o autor, uma sentença que não tenha natureza interrogativa não resiste a esse teste:⁴

- (10) a. O João sabe quem viajou ontem.
b. O João sabe quem *é/foi* que viajou ontem.
- (11) a. Eu convidei para a festa quem você indicou.
b. *Eu convidei para a festa quem *foi* que você indicou.

A seguir, analiso mais detidamente as características sintáticas na derivação de frases interrogativas encaixadas no português, como o movimento da palavra-wh, por exemplo.

2.2 MOVIMENTO-WH E A CONSTRUÇÃO DE INTERROGATIVAS ENCAIXADAS

Chomsky (1977) propõe que uma operação sintática análoga dê origem a frases interrogativas e relativas; essa operação foi chamada de movimento-wh. A ideia geral é a de que, na derivação de frases interrogativas, o constituinte-wh aparece em uma posição sintática diferente daquela em que foi gerado. Ou seja, o constituinte-wh é interpretado não na posição em que é visto na frase, mas em sua posição de base; no caso de (13) a seguir, o wh surge, na verdade, como complemento de *meet* ('encontrar'):

- (12) Who did Mary meet *t*
'quem a Maria encontrou'

(CHOMSKY, 1977, p. 84)

⁴ Mais adiante, em nota (mais especificamente, nota 13), apresento uma avaliação detalhada da questão da clivagem na construção de interrogativas.

Assim, entende-se que frases interrogativas sejam afetadas por uma operação sintática específica, a saber, o movimento de constituintes-wh. Cheng (1991) propõe que a aplicação de uma regra do tipo mova o sintagma-wh para o CP resulta na tipificação sentencial: se o sintagma-wh movido para a periferia da sentença contiver um traço [+wh], o resultado é inevitavelmente uma interrogativa.⁵

Basicamente, a ideia é que o COMP (CP) de uma sentença interrogativa é naturalmente marcado com um traço-wh; um constituinte-wh nessa sentença (que obviamente contém o mesmo traço presente no CP) vai ser automaticamente atraído para uma posição na periferia, abandonando sua posição de origem.

Quando o assunto é as interrogativas encaixadas, observe-se que, se juntarmos a questão das propriedades seletivas do verbo da matriz (ou seja, o fato de que esse verbo seleciona necessariamente uma oração com um traço mais interrogativo, isto é, um traço [+wh]) às questões concernentes ao movimento-wh, concluímos que os traços que se espera afetarem o complemento do verbo na matriz e os traços do constituinte-wh precisam, de alguma forma, combinar para caracterizar esse tipo de estrutura; ou seja, uma frase interrogativa encaixada precisa ser uma oração que contém uma operação sintática específica, a saber, o movimento-wh, porque o verbo na matriz seleciona uma oração (ou seja, um CP) com propriedades interrogativas.

O resumo de tudo é que uma condição é indispensável: só é possível chamar de frase interrogativa a oração que contém uma operação sintática que a caracteriza como tal; só se pode chamar de interrogativa a frase em que se aplica o movimento-wh.⁶ Assim, mesmo em alguns contextos em que não parece que se está construindo uma interrogativa, porque o verbo da matriz se mostra ambíguo, a aplicação do movimento sobre constituintes-wh dá uma pista. Vejamos:

- (13) a. A Maria sabe [com quem]_i o irmão saiu *t*_i.
b. O Pedro explicou [por que]_i a família não veio *t*_i.

5 É importante lembrar que há línguas, como o japonês ou o chinês, em que o movimento-wh nunca se aplica em sintaxe aberta; são as chamadas línguas de *wh in situ*. Na verdade, Cheng (1991) separa as línguas naturais em dois grupos: as línguas de *wh in situ* e as línguas de movimento-wh. Em línguas como o inglês, por exemplo, o movimento de palavra-wh precisa se aplicar sempre; em japonês e em chinês, ele nunca se aplica.

6 Uma pergunta natural a se fazer é: mas e dados como (3), repetidos a seguir? Que explicação dar para a existência de uma interrogativa que nem ao menos apresenta um constituinte-wh?

- (i) Você vai à festa?

Se considerarmos que o movimento de um operador interrogativo é indispensável para caracterizar uma oração como interrogativa, precisamos entender que existe um movimento de operador aqui, mas um operador interrogativo nulo (não visível), que é compatível com a força do CP que encabeça a sentença interrogativa. Assim, teríamos algo como seguir:

- (ii) [_{CP} [+wh] [Op-wh-Ø]_i [_C [_{TP} você vai à festa *t*_i?]]

Watanabe (1991) propõe o movimento de operador nulo em interrogativas em línguas de *wh in situ*; a ideia aqui seria uma espécie de aplicação desse princípio. Não vou debater aqui as ideias contrárias a Watanabe (1991), mas recomendo a leitura em português de Lopes-Rossi (1996) para mais detalhes.

O português do Brasil apresenta construções interrogativas interessantes, como as que se mostram em (14a), (15a) e (16a); observe-se que, além do constituinte-wh movido, ocorre também no CP da sentença a realização do termo *que*:

- (14) a. Quem *que* você beijou?
b. *Que você beijou quem?
c. Você viu quem? / Quem você viu?

A agramaticalidade de (14b), em contraste com o que vemos (14a), é uma evidência de que, quando o termo *que* surge na sentença interrogativa, o movimento do constituinte-wh precisa aplicar-se necessariamente. Note-se que (14c) é viável (com ou sem o movimento-wh), mas (14b) é bloqueada.⁷

Observe-se, entretanto, que, em contextos de encaixamento, o movimento-wh é sempre obrigatório nas sentenças interrogativas, com ou sem a partícula *que*:

- (15) a. O Pedro perguntou [quem]_i *que* você viu *t_i*.
b. *O Pedro perguntou *que* você viu quem.
- (16) a. Eu quero saber [quando]_i *que* sai o almoço *t_i*.
b. *Eu quero saber *sai* o almoço quando.

2.3 A CARTOGRAFIA SINTÁTICA: DETALHES SOBRE A PERIFERIA DA SENTENÇA

Desde Pollock (1989) e Cinque (1999), passou-se a entender que aquilo que antes se acreditava ser apenas a materialização de traços morfossintáticos associados a categorias lexicais poderia ser definido como a materialização de núcleos sintáticos independentes; abriu-se, a partir daí, a possibilidade de implementação de estudos que mapeassem as configurações sintáticas que projeções funcionais poderiam assumir nos enunciados (RIZZI; BOCCI, 2017).

Essa tendência resultou no que hoje se conhece por estudos cartográficos da sentença, abordagem segundo a qual estruturas funcionais precisam ser entendidas como objetos sintáticos complexos, constituídos de “sequências de elementos funcionais ricamente articulados” (RIZZI; BOCCI, 2017, p. 3). Considerando que esse tipo de abordagem viabiliza um estudo comparativo e a avaliação de questões translinguísticas, a chamada cartografia sintática acaba por fornecer caminhos para a constituição de análises técnicas e um maior detalhamento da Faculdade da Linguagem Humana.

Em análise inicialmente voltada aos dados do italiano, Rizzi (1997) propôs que, dadas certas condições de configuração de tópicos ou de elementos focalizados em relação ao núcleo C⁰ (e o elemento complementador que ocupava essa posição) em algumas

⁷ Conferir discussão original dessas questões em Miotto (2001, 2003).

sentenças, a constituição estrutural da região conhecida como CP precisava ser mais “complexa” do que o que se acreditava. Por exemplo, em dados analisados por esse autor, tópicos sempre seguiam um complementador do tipo de *che* em italiano, mas precediam complementadores do tipo *di*. Vejamos:

- (17) a. Credo che, il tuo libro, loro lo apprezzerebbero molto.
'Creio que, o teu livro, eles o apreciaram muito.'
b. * Credo, il tuo libro, che loro lo apprezzerebbero molto
- (18) a. Credo, il tuo libro, di apprezzarlo molto.
'Creio, o seu livro, de o apreciar muito.'⁸
b. * Credo di, il tuo libro, apprezzarlo molto

(RIZZI, 1997, p. 288)

Esse tipo de constatação, segundo Rizzi e Bocci (2017), apontaria para um esquema como o seguinte na organização da região conhecida como CP:

- (19) che... Top... di

(RIZZI; BOCCI, 2017, p. 3)

Rizzi (1997), em face dessas evidências, postula que o sistema CP seja limitado à esquerda por um nóculo Force (ou Força), responsável por codificar informações como a força ilocucionária da sentença (se ela é uma relativa, uma interrogativa, uma exclamativa ou uma declarativa⁹) e um nóculo Fin, à direita, responsável por codificar informações sobre o caráter finito/não finito da sentença.

Além disso, Rizzi também observou que expressões focalizadas apareciam, em italiano, por vezes precedidas, por vezes seguidas de tópicos, o que o levou a propor que, na periferia esquerda da sentença, tópicos seriam recursivos, enquanto o foco apresentaria uma projeção apenas. Isso conduziu o autor a propor a seguinte configuração para a periferia:

- (20) [Force [Top* [Foc [Top* [Fin [IP]]]]]]

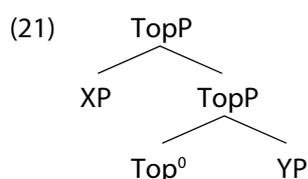
A ideia original seria a de que Force e Fin formariam um sistema fixo, com informações sobre finitude e tipo oracional, e as projeções Top e Foc formariam outro sistema, responsável por codificar sintaticamente questões discursivas como tópico e foco. Enquanto as posições do primeiro sistema estão sempre ativas, as do segundo são ativadas apenas quando traços de tópico ou foco estão presentes na estrutura.

8 Glosas minhas. As originais, em Rizzi (1997), estão em inglês.

9 A ideia de que o CP é o lócus da tipificação sentencial e de que sintagmas-wh se movem para CP em operação que se encarrega desse processo de tipificação foi apontada originalmente por Cheng (1991).

A sintaxe dessas posições passa a ser organizada com base em critérios; assim como um Critério-wh seria responsável por posicionar sintagmas-wh no especificador de um C⁰ com um traço-wh forte, constituintes com um traço de tópicos obedeceriam a um Critério-Top e expressões focalizadas obedeceriam a um Critério-Foc.

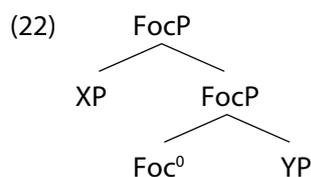
Para Rizzi (1997), uma projeção TopP conteria um tópicos em seu especificador e o comentário como complemento do núcleo Top:



XP: Tópico

YP: Comentário

Da mesma forma, uma projeção FocP conteria um foco em seu especificador e a pressuposição como complemento de Foc⁰:



XP: Foco

YP: Pressuposição

Quanto ao deslocamento-wh, Rizzi (1997) propôs que palavras-wh interrogativas seriam movidas para a projeção focal em sentenças matrizes, enquanto palavras-wh relativas seriam movidas para o especificador de Force.

Em desenvolvimentos recentes da perspectiva cartográfica, Rizzi (2001) propôs que haveria ainda, em italiano, projeções distintas para hospedar complementadores interrogativos do tipo de *se/por que* (*se/perché*) em sentenças encaixadas (e mesmo *por que* em matrizes), entendendo que *se* difere de *che* e *di* no sentido de poder ser antecedido ou seguido por tópicos, enquanto *che* e *di* apenas podem ser seguidos por elementos topicalizados. Rizzi propõe, assim, a existência de uma projeção IntP, que teria *se* como núcleo em italiano e hospedaria, em seu Spec, elementos como *perché/por que*. A cartografia, nesse sentido, mostra-se como a seguir:



Em Rizzi e Bocci (2017), encontramos uma discussão acerca do posicionamento de advérbios movidos para a periferia da sentença. Os autores argumentam que há razões para crer que advérbios movidos não se deslocam para uma projeção de foco ou de tópicos, quando não

são dotados de tais caracterizações discursivas. Além das razões semânticas óbvias¹⁰, tal proposição encontra amparo, por exemplo, no fato de que, em italiano, o fronteamento de um advérbio é bloqueado por minimalidade por outro advérbio interveniente, mas não ocorre intervenção quando há um advérbio e se focaliza outro. Vejamos:

- (24) *Rapidamente, Gianni ha probabilmente trovato ___ la soluzione.
'Rapidamente, João provavelmente encontrou a solução.'
- (25) RAPIDAMENTE Gianni ha probabilmente trovato ___ la soluzione, non lentamente.
'RAPIDAMENTE João encontrou a solução, não lentamente.'

Isso mostra que as posições de Foco e de fronteamento de um advérbio sem focalização precisam ser distintas, ou os efeitos de minimalidade se aplicariam em ambos os casos. Com base nesse tipo de observação, esses autores propõem, seguindo Rizzi (2004), que a periferia da sentença dispõe de uma projeção ModP, para modificadores, que deve ocupar a parte mais baixa do sistema CP. Temos, então, segundo essa nova arquitetura, a seguinte configuração:

- (26) [Force [Top* [Int [Top* [Foc [Top* [Mod [Top* [Fin [IP ...]]]]]]]]]]]

Também com base em Rizzi (2004), e considerando fatos sobre o posicionamento de palavras interrogativas em sentenças encaixadas já apontados em Rizzi (1997), Rizzi e Bocci (2017) propõem a existência de uma posição para palavras interrogativas em sentenças encaixadas, Q_{emb} (*emb* para *embedded*, 'encaixado'), o que Rizzi (2004) denomina WH. Em sentenças matrizes, a projeção Q_{emb} não estaria disponível, porque palavras-wh interrogativas nesse contexto se movem para Foco.

Assim, em sentenças encaixadas, a periferia teria a seguinte configuração:

- (27) [Force [Top* [Int [Top* [Foc [Top* [Mod [Top* [Q_{emb} [Fin [IP ...]]]]]]]]]]]

É com base na proposta cartográfica em seu formato atual que se constrói a proposta de análise de interrogativas indiretas encobertas no presente trabalho.

¹⁰ Sabe-se que tópicos precisam manter uma conexão semântica obrigatória com o conteúdo da posição de onde foram movidos, além de serem aqueles sobre o que se constrói o comentário; advérbios movidos não condensam essas características. Além disso, advérbios movidos não passam a ter semântica contrastiva em seu local de pouso, como acontece com as expressões focalizadas na periferia esquerda.

3 INTERROGATIVAS INDIRETAS ENCOBERTAS

Um tipo de oração interrogativa encaixada tem chamado a atenção de estudiosos (ALVARENGA, 1981a, 1981b; AMARAL; MEDEIROS JUNIOR, 2017; AMARAL; LUNGUINHO, 2017); são as chamadas interrogativas indiretas encobertas, sentenças como as que aparecem entre colchetes em (28):

- (28) a. Eu quero saber [a comida que você come].
b. Ele sabe [a pessoa que pegou o dinheiro da gaveta].

Não sem razão, esses estudiosos têm-se debruçado sobre essas construções sintáticas, considerando a maneira como se organizam:

1. são encaixadas e complementam um verbo que seleciona um CP necessariamente marcado com um traço-wh;
2. não apresentam a constituição esperada de uma interrogativa encaixada, como o fato de serem introduzidas por um pronome ou constituinte interrogativo, por exemplo.

Baker (1968) já apontava para a existência desse tipo de construção na língua inglesa, a saber, uma estrutura em que aquilo que segue o verbo, o qual seleciona uma interrogativa, é um sintagma nominal não oracional, e não uma oração completiva marcada com o traço [+wh]:

- (29) John refused to tell the police [the fellows who had been involved].
'John se recusou a contar ao policial (o nome) dos amigos que estavam envolvidos.'
- (30) Allen hasn't yet found out [the plane's arrival time].
'Allen ainda não descobriu (o horário) da chegada do voo.'

(BAKER, 1968, p. 92)

Colocam-se em análise aqui construções como as que aparecem em (28), que parecem constituir um nominal complexo (um nome seguido de uma frase relativa), em vez de uma interrogativa-wh. O que Baker (1968) chama de *concealed questions*, Alvarenga (1981a) denomina interrogativa indireta encoberta.

Alvarenga (1981b) sinaliza, já em sua introdução, seu entendimento de que interrogativas indiretas podem ser introduzidas por um constituinte interrogativo "claro ou subentendido" (ALVARENGA, 1981b, p. 120), e passa a analisar as construções como (31) e (32) dessa maneira: uma interrogativa como qualquer outra contendo um constituinte interrogativo subentendido:

- (31) a. Carlos sabe a sala em que você trabalha.
b. Carlos sabe (qual) a sala em que você trabalha.
- (32) a. Eu quero saber a comida que você come.
b. Eu quero saber (qual) a comida que você come.

Quero aqui colocar em discussão a ideia defendida em termos gerais sobre a estrutura do complemento do verbo da matriz nesses casos. Em geral o que se propõe é que temos, como complemento do verbo matriz, um SN modificado por uma oração relativa (cf. BAKER, 1968; GRIMSHAW, 1979; NATHAN, 1999; MATOS; BRITO, 2013). Vou defender, utilizando a proposta cartográfica, que o que aparece na posição encaixada nesses casos é uma oração interrogativa como qualquer outra, com um sintagma nominal contendo um operador interrogativo nulo em Spec,Q_{emb} (RIZZI; BOCCI, 2017), apesar de alguns problemas empíricos que essa ideia pode vir a conter.

3.1 O PROBLEMA

Como já ficou claro na seção de introdução (e em subseções anteriores), as construções sintáticas que buscamos avaliar aqui são as orações encaixadas conhecidas como interrogativas indiretas encobertas, sentenças definidas como frases interrogativas, selecionadas por verbos que marcam seus CPs complemento com um traço [+wh], mas que não apresentam comportamento semântico nem estrutura sintática aparente de interrogativas. As interrogativas indiretas encobertas aparecem entre colchetes em (33) a seguir (dados repetidos de (28)):

- (33) a. Eu quero saber [a comida que você come].
b. Ele sabe [a pessoa que pegou o dinheiro da gaveta].

Para Matos e Brito (2013), verbos do tipo de *saber* alternam entre a seleção de um complemento sentencial (um CP) e a seleção de um complemento constituído por um DP seguido de uma frase relativa. Essa dupla possibilidade seletional, segundo as autoras, seria intrínseca a esse tipo de verbo, que é considerado um semi-factivo, permitindo, portanto, uma leitura factiva e uma leitura semi-factiva. Em outras palavras, apenas verbos com conteúdo cognitivo apresentam esse tipo de alternância. *Saber*, nessas circunstâncias, pode selecionar tanto uma interrogativa indireta clara (34a), como aquilo que as autoras dizem ser uma construção contendo um DP seguido de uma relativa (34b):

- (34) a. Ela sabe [qual a comida de que você gosta].
b. Ela sabe [a comida de que você gosta].¹¹

Observe-se, entretanto, que, do ponto de vista sintático, só fica claro que ocorre uma interrogativa indireta em (34a). Como explicar a semântica de interrogação/solicitação de informação contida em (34b), sem uma sintaxe, digamos, “apropriada”? Matos e Brito (2013) resolvem esse problema propondo uma semelhança entre o DP e o CP; segundo as autoras, a sentença subordinada em (34a) (o que chamam de interrogativa indireta imprópria) e o conjunto DP + frase relativa que afirmam estar presente em (34b) contêm alguns elementos em comum, como, por exemplo, o fato de que ambas as construções exibem força ilocucionária declarativa, ou o fato de o sintagma-wh *D-linked* nas interrogativas ditas impróprias e o nominal alçado do interior da relativa (cf. KAYNE, 1994) representarem conteúdo semelhante, ou ainda o fato de que o *status D-linked* do CP-wh e o estatuto

11 É importante salientar que as autoras consideram que, em ambos os casos (tanto em (34a) quanto em (34b)), a semântica daquilo que complementa o verbo saber é a de uma requisição por informação, o que caracteriza ambos como perguntas indiretas.

definido de D em DPs relativizados contribuem para uma atribuição a esses dois sintagmas (CP e DP) um *status* altamente referencial e específico (MATOS; BRITO, 2013, p. 112).

Outra questão envolvendo interrogativas indiretas encobertas diz respeito ao fato de que, nos mesmos contextos em que essas sentenças podem acontecer, outro tipo de construção sintática é viável, como uma sentença que contém uma proposição. Vejamos:

- (35) a. Ele sabe [a comida que ela gosta de comer].
b. Ele sabe [que ela adora comer camarão].

Fatos como esse levaram autores como Nathan (1999) a propor que *concealed questions* (interrogativas indiretas encobertas) não condensam conteúdo interrogativo. Entretanto, fica claro que, como já expuseram Alvarenga, Macambira, Amaral e Lunguinho, entre outros autores já mencionados neste trabalho, há, nesses casos (pelo menos no que tange aos dados do PB), uma clara solicitação por informação, o que acaba indo de encontro à intuição de Nathan (1999).

O que passo a argumentar em seguida é que talvez a análise apropriada para esse tipo de construção sintática precise seguir em outra direção. Defenderei aqui a ideia de que o que temos nas chamadas interrogativas indiretas encobertas é a construção de interrogativas comuns cuja estrutura contém um operador interrogativo nulo encabeçando o sintagma nominal alçado a $Spec, Q_{emb}$. Passemos à análise.

3.2 INTERROGATIVAS INDIRETAS ENCOBERTAS E A NATUREZA DE *QUE*

Muitos dos estudos anteriores sobre a questão já atestam a correlação entre as interrogativas encobertas (36) e as paráfrases desse tipo de sentença como (37) (cf. BAKER, 1968; GRIMSHAW, 1979; ALVARENGA, 1981a):¹²

- (36) a. O João sabe o carro que o Paulo comprou.
b. A Maria sabe a comida que o João gosta.
- (37) a. O João sabe qual carro que o Paulo comprou/que carro que o Paulo comprou/
qual o carro que o Paulo comprou.
b. A Maria sabe qual comida que o João gosta/que comida que o João gosta/
qual a comida que o João gosta.¹³

¹² É importante ressaltar o foco nos dados em (36); cabe esclarecer que (37) está aqui como paráfrase, apenas para evidenciar a semântica da construção que complementa o verbo *saber* em (36), procedimento já adotado nos trabalhos listados e que não constitui parte da crucial da argumentação.

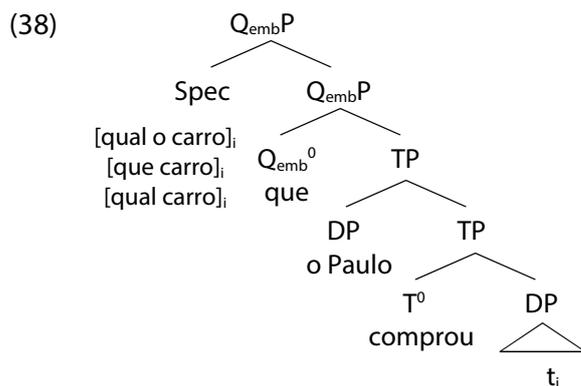
¹³ Importante observar que os dados em (37) trazem algumas questões interessantes. Vejamos:

- (i) a. A Maria sabe qual comida que o João gosta.
b. A Maria sabe que comida que o João gosta.
c. A Maria sabe qual a comida que o João gosta.

Pois bem: partamos dos dados em (37). Considerando-se a constituição das sentenças encaixadas em (37a-b), seria possível propor a seguinte derivação dessas construções, tomando por base a proposta cartográfica: o sintagma-wh *qual carro/que carro/qual o carro* é gerado como complemento de *comprou*; esse sintagma contém naturalmente um traço-wh. Quando a camada CP é ativada na oração encaixada, ocorre a projeção de Q_{emb} , considerando-se que o CP encaixado é marcado com um traço-wh, em virtude da seleção do predicado na matriz. Observe-se que a numeração da sentença encaixada contém o item lexical *que*, o qual, na presente hipótese, representa a lexicalização do Q_{emb}^0 ; quando *que* é concatenado na estrutura, o sintagma-wh com um traço [Q_{emb}] é alçado para o Spec de *que*, em satisfação a um Critério- Q_{emb} :

- (i) **Critério Q_{emb}**
 Um operador wh- Q_{emb} precisa estar em uma relação spec-head com um $X^0 [+Q_{emb}]$; um $X^0 [+Q_{emb}]$ precisa estar em configuração spec-head com um operador Q_{emb} .

Assim sendo, a sentença encaixada em (37a), por exemplo, seria derivada como mostra o diagrama a seguir:



Conforme apontado a mim por um dos pareceristas anônimos, é mais fácil considerar que *qual comida* e *que comida* formam um constituinte sintático que pensar que *qual a comida* forme um constituinte, o que torna dados como (ic) um problema para a presente análise. A ideia é que dados como (ic) talvez indiquem que a sentença deriva de uma clivada com o apagamento da cópula, como se vê em (ii):

- (ii) a. A Maria sabe qual é a comida que o João gosta.
 b. A Maria sabe qual a comida que o João gosta.

Todavia, (ia) e (ib) poderiam ser interpretadas da mesma forma, como derivando de clivadas invertidas, como se vê em (iii):

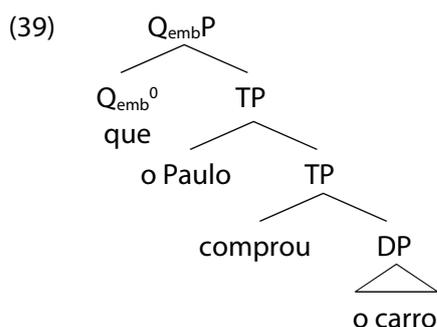
- (iii) a. A Maria sabe que comida é que o João gosta.
 b. A Maria sabe qual comida é que o João gosta.

Como veremos a seguir, a proposta em termos de clivagem pode ser uma alternativa à que faço aqui. Minha intenção aqui é mostrar, como tentarei argumentar a seguir, que (36) e (37) são de algum modo aparentadas, considerando que tanto uma quanto outra contém frases interrogativas na posição subordinada. Uma proposta com clivagem pode servir para explicar (37), mas falha em explicar (36) e o “parentesco” que há entre essas duas construções. Além disso, não vou me demorar na análise desse tipo de dado porque ele não constitui o foco do presente artigo. De todo modo, é possível sugerir que (ia-b) podem representar uma intuição do tipo de operador nulo que esteja presente nas interrogativas indiretas encobertas aqui analisadas.

Esse tipo de análise é compatível com o que se apresenta para interrogativas raízes do português do Brasil como *O que que o João comeu?* ou *Quem que a Maria convidou?* em Miotto (2001) e Amaral e Medeiros Junior (2017), para quem o *que* que segue os sintagmas-*wh* representa a realização fonológica de Foc^0 , já que se considera que, em matrizes, sintagmas interrogativos estejam focalizados (cf. RIZZI, 1997).¹⁴

Agora observemos os dados em (36). Se é verdade que o CP encaixado em (37) é marcado por um traço-*wh* forte, porque o predicado da matriz seleciona uma interrogativa, e se é verdade que o *que* temos em (36) é um tipo de sentença interrogativa (interrogativa indireta encoberta), uma análise semelhante à que se deu a (37) pode ser dada a (36).

Suponhamos, inicialmente, que o *que* o predicado na matriz seleciona em (36) seja também um CP[+*wh*], e não um DP seguido de uma sentença relativa, dado que (37) pode ser tomada como uma paráfrase de (36). Se isso é verdade, podemos interpretar *que* não como uma palavra relativizadora, mas como a realização fonológica de Q_{emb}^0 , assim como fizemos em (37). Teríamos, portanto, a seguinte configuração para a derivação da sentença encaixada até o momento da concatenação de *que*:



14 Um problema para esta análise seria ter de lidar com o problema que se verifica no contraste em (i):

- (i) a. O João quer saber qual o carro que o Paulo comprou.
- b. *O João quer saber qual o carro o Paulo comprou.

Esse contraste, já debatido em Guessier (2015), conduz à ideia de que talvez (ia) não contenha uma interrogativa simples, mas que seja derivada de uma clivada, como em (ii) a seguir, já que o apagamento de *que* causa a agramaticalidade que se vê em (ib):

- (ii) O João quer saber qual foi o carro que o Paulo comprou.

Entretanto, é importante observar que a sentença em (ia), com o interrogativo, e a sentença em (iii) a seguir, sem o interrogativo, têm exatamente a mesma semântica, o que pode representar uma intuição de que talvez a análise de Guessier careça de mais argumentação:

- (iii) O João quer saber o carro que o Paulo comprou.

É possível que a restrição que bloqueia (ib) seja a mesma que inviabiliza (iv), quando se vê que a omissão do determinante resulta em uma construção agramatical:

- (iv) *O João quer saber qual foi carro que o Paulo comprou.

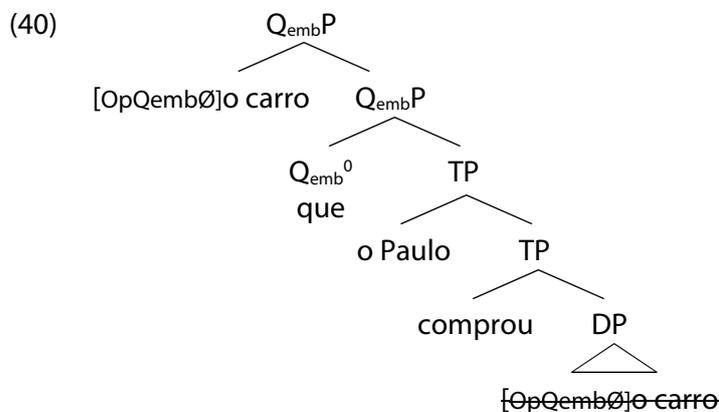
Esse mesmo tipo de restrição não se verifica com uma sentença subordinada iniciada por *se* em um contexto semelhante, que é notoriamente uma clivada:

- (v) O João quer saber se foi carro que o Paulo comprou.

Possivelmente a análise de Guessier contenha boas respostas para os dados em questão, embora ela não consiga dar conta dos dados com interrogativas indiretas encobertas. Essa discussão fica em aberto para investigações futuras.

Restaria ainda explicar como seria satisfeito o critério Q_{emb} nesses casos, sendo que não vemos realizado o operador- Q_{emb} .

Se nos lembrarmos da intuição de Alvarenga (1981a), apresentada nas seções iniciais deste trabalho, sobre a constituição, no português do Brasil, de interrogativas em que o operador interrogativo pode ou não estar realizado fonologicamente, talvez tenhamos uma pista do que está acontecendo aqui. A ideia é que o DP selecionado pelo predicado mais baixo em (36) é semelhante ao que é selecionado pelo predicado mais baixo em (37); a diferença seria que o DP em (36) conteria um operador nulo, que seria o responsável pelo deslocamento desse DP para $Spec, Q_{emb}$, exatamente como se entende que ocorre em (37). Teríamos, portanto, a seguinte estrutura:



Se esta análise estiver correta, espera-se que em toda construção desse tipo seja possível a inserção de um *wh* interrogativo no DP que inicia a sentença subordinada, questão já apontada em Alvarenga (1981a) e já discutida no presente trabalho, fato que parece se confirmar. Além disso, a suposição de que o nominal *que* inicia a subordinada é encabeçado por um operador interrogativo pode conduzir à ideia de que não deve haver ambiguidade quanto à força ilocucionária da sentença encaixada; outro fato que também se confirma: não parece haver dúvidas quanto à natureza interrogativa de tais sentenças.

Uma proposta como a que se delineou aqui tem a vantagem de prover uma análise unificada para a construção de interrogativas encaixadas do português, sejam elas interrogativas indiretas canônicas ou interrogativas do tipo que se convencionou chamar interrogativa encoberta.

É, entretanto, importante observar que a análise aqui posta pode enfrentar alguns problemas. Um deles é o fato de haver grande dependência entre a oração que se inicia em *que* e a presença de um determinante antecedendo o elemento alçado ao *Spec* de *que*, como se vê nos dados a seguir:

- (41) a. *Eu quero saber pesquisa que você faz.
 b. Eu quero saber a pesquisa que você faz.

(Adaptado de Amaral e Lunguinho (2017))

Sabemos por estudos como os de Smith (1964) e Kayne (1994) que a existência de relativas (ou pelo menos o tipo de relativa que aparecerá no enunciado) está determinantemente ligada à existência de artigo antecedendo o nome relativizado. O que vemos em (41) é exatamente isso: a presença do determinante licencia a sentença iniciada em *que*.

Outro questionamento do ponto de vista sintático é o de que parece haver problemas para a extração em contextos encaixados como o de (42), o que também pode sugerir a existência de relativas encaixadas, as chamadas ilhas sintáticas:

(42) Eu quero saber o presente que você deu ao João.

(43) *A quem eu quero saber o presente que você deu.

Além disso, há o fato claro de que, em (41), de um modo ou de outro, a oração que se inicia em *que* reduz as possibilidades de interpretação do nome *pesquisa* a apenas aquela que é feita pelo destinatário da mensagem, identificado no contexto pelo pronome *você*. Esse tipo de evento semântico é exatamente o que ocorre na presença de uma relativa restritiva.

Essa questão permanece em aberto neste artigo, para investigações futuras.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou atualizar análises sobre as chamadas interrogativas indiretas encobertas do português brasileiro. O que se propôs é que o que aparentemente se mostra como uma construção composta de um DP seguido de uma frase relativa é, na verdade, uma construção interrogativa comum, sendo esse DP um sintagma-wh com operador nulo. Busquei aplicar a análise baseada nos estudos cartográficos de Rizzi e Bocci (2017), segundo os quais sintagmas interrogativos em sentenças encaixadas ocupam a projeção Q_{emb} . Além disso, procurei com este estudo unificar a análise de orações interrogativas encaixadas no português do Brasil. A semelhança das construções com nominais seguidos de relativa foi o ponto deixado em aberto para futuras investigações.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, D. *Sobre Interrogativa Indireta no Português*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1981a.

ALVARENGA, D. Interrogativa indireta encoberta em português. *Cadernos de Linguística e Teoria Literária*, [s.l.], n. 5, p. 119-147, jun. 1981b.

AMARAL, L de C.; LUNGUINHO, M. V. S. *Eu quero saber a estrutura dessa sentença: um estudo das propriedades sintáticas e semânticas de interrogativas indiretas não-canônicas do português do Brasil*. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

AMARAL, L de C.; MEDEIROS JUNIOR, P. *Um estudo das propriedades sintáticas e semânticas das construções interrogativas do português do Brasil*. Relatório final de PIBIC apresentado ao PROIC -UnB, 2017.

BARKER, C. L. *Indirect questions in English*. Tese (Doutorado) – University of Illinois, Urbana, 1968.

BIANCHI, V.; CRUSCHINA, S. The derivation and interpretation of polar questions with a fronted focus. *Lingua*, v. 170, p. 47-68, 2016.

CHENG, L. *On the typology of wh questions*. Tese (Doutorado) – Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 1991.

CHOMSKY, N. On Wh Movement. In: CULICOVER, P. W.; WASOW, T.; AKMAJIAN, A. (ed.). *Formal Syntax*. New York: Academic Press, 1977. p. 71-132.

CINQUE, G. *Adverbs and Functional Heads: A Cross-Linguistic Perspective*. New York: Oxford University Press, 1999.

GRIMSHAW, J. Complement selection and the lexicon. *Linguistic Inquiry*, v. 10, p. 279-326, 1979.

GUESSER, S. Sentenças Foco+que do PB na interface sintaxe-pragmática. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 13, p. 78-106, 2015.

KAYNE, R. S. *The Antisymmetry of Syntax*. Cambridge: MIT Press, 1994.

LOPES-ROSSI, M. A. *A sintaxe diacrônica das interrogativas-q do português*. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

MACAMBIRA, J. R. *Português Estrutural*. São Paulo: Pioneira, 1998.

MATOS, G.; BRITO, A. M. The alternation between improper direct questions and DPs containing a restrictive relative. In: CAMACHO-TABOADA, V.; JIMÉNEZ-FERNÁNDEZ, Á. L.; MATÍN-GONZALES, J.; REYES-TEJEDOR, M. (ed.). *Information structure and agreement*. Amsterdam: John Benjamins, 2013.

MIOTO, C. Sobre o sistema CP no português Brasileiro. *Revista Letras*, Curitiba, n. 56, p. 97-139, jul./dez. 2001.

MIOTO, C. Focalização e quantificação. *Revista Letras*, Curitiba, n. 61, p. 169-189, 2003.

NATHAN, L. E. *On the interpretation of concealed questions*. Tese (Doutorado) – Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 1999.

POLLOCK, J-Y. Verb Movement, Universal Grammar, and the Structure of IP. *Linguistic Inquiry*, v. 20, p. 365-424, 1989.

RIZZI, L.; BOCCI, G. The left periphery of the clause – primarily illustrated for Italian. In: EVERAERT, M.; VAN RIEMSDIJK, H. C (ed.). *Blackwell Companion to Syntax, II edition*. Wiley-Blackwell, New Jersey, 2017.

RIZZI, L. Locality and Left Periphery. In: BELLETTI, A. (ed.). *Structures and Beyond*. New York: Oxford University Press, 2004. p. 223-251.

RIZZI, L. On the position of “int(errogative)” in the left periphery of the clause. In: CINQUE, G.; SALVI, G. (ed.). *Current studies in Italian syntax: Essays offered to Lorenzo Renzi*. Oxford: Elsevier North-Holland, 2001. p. 267-296.

RIZZI, L. The Fine Structure of the left periphery. In: HAEGEMAN, L. (ed.). *Elements of grammar: a handbook of Generative Syntax*. Dordrecht: Kluwer, 1997. p. 281-337.

SMITH, C. S. Determiners and relative clauses in a Generative Grammar. *Language*. v. 40, n. 1, p. 37-52, jan./mar. 1964.

WATANABE, A. Wh *in situ*, Subjacency and Chain Formation. *MIT Occasional papers in Linguistics* 2, 1991.

Artigo recebido em 7 de maio de 2020.

Artigo aceito em 12 de junho de 2020.